

**Maria Inês Bustamante**



**BUSCA DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE: ESCALA PARA  
AVALIAÇÃO DE TENDÊNCIA À AGRESSIVIDADE**

**Apoio:**



**ITATIBA  
2014**

**Maria Inês Bustamante**

**BUSCA DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE: ESCALA PARA  
AVALIAÇÃO DE TENDÊNCIA À AGRESSIVIDADE**

Dissertação/Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, Área de Concentração - Avaliação Psicológica, para obtenção do título de Doutor.

ORIENTADOR: PROF. DR. CLÁUDIO GARCIA CAPITÃO

ITATIBA  
2014

157.93 Bustamante, Maria Inês.  
B99b Busca de evidências de validade: Escala para Avaliação de  
Tendência à Agressividade / Maria Inês Bustamante – Itatiba, 2014  
99 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação  
*Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.  
Orientação de: Cláudio Garcia Capitão.

1. Avaliação psicológica. 2. Agressividade. 3. Universitários  
4. Suporte familiar. 5. Qualidade de vida. I Capitão, Cláudio  
Garcia. II. Título.



**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**  
**EM PSICOLOGIA**

Maria Inês Bustamante de Carvalho defendeu a tese "BUSCA DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE: ESCALA PARA AVALIAÇÃO DE TENDÊNCIA À AGRESSIVIDADE" aprovada pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco em 12 de dezembro de 2014 pela Banca Examinadora constituída por:

\_\_\_\_\_  
 Prof. Dr. Claudio Garcia Capitão  
 Presidente

\_\_\_\_\_  
 Profa. Dra. Monalisa Muniz Nascimento  
 Examinador

\_\_\_\_\_  
 Prof. Dr. Marcos Antonio Batista  
 Examinador

\_\_\_\_\_  
 Prof. Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel  
 Examinador

\_\_\_\_\_  
 Prof. Dr. Cristian Zanon  
 Examinador

Campus Bragança Paulista  
 Campus Campinas - Unidade Cambuí  
 Campus Campinas - Unidade Swift  
 Campus Itatiba  
 Campus São Paulo

Av. São Francisco de Assis, 218 - Jd. São José - CEP 12916-900 / Tel.: 11 2454.8000 / Fax: 4034.1025  
 R. Cel. Silva Teles, 700 prédio C - Cambuí - CEP 13024-001 / Tel.: 19 3779.3370  
 R. Waldemar César da Silveira, 105 - Swift - CEP 13045-510 / Tel.: 19 3779.3300 / Fax: 3779.3321  
 R. Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 - Centro - CEP 13251-905 / Tel.: 11 4534.8000 / Fax: 4534.8015  
 R. Antonieta Leitão, 129 - Freguesia do Ó - CEP 02925-160 / Tel.: 11 3411.2050 / Fax: 3411.2978

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho primeiramente aos meus filhos, Mariana e André por iluminarem minha vida.

Dedico também aos meus pais, Luiz e Mádia, meus mestres e incentivadores maiores, sempre no meu coração e em meus pensamentos.

Dedico ainda à Cecília, Zé, Júlia, Eduardo, Joana, Natália, Paulinho, Duduti, Rita, Augusto, Vinícius, Cléssio e Carolina.

Nada seria possível sem a melhor família do mundo!

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao professor Fermino Fernandes Sisto pelo incentivo inicial para este doutorado.

Ao professor Cláudio Garcia Capitão pela disponibilidade em assumir minha orientação e me acompanhar até aqui.

Ao professor Dr. Marcos Antônio Batista pela amizade, parceria e paciência com todas as minhas dúvidas e por participar das Bancas de qualificação e defesa.

Aos professores Dra. Monalisa Muniz Nascimento, Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel e Cristian Zanon, pelas contribuições na Qualificação desta Tese e pela disponibilidade em fazer parte novamente da Defesa final.

Aos professores Mayra Silva de Souza e Lucas de Francisco Carvalho por aceitarem ficar de prontidão para a suplência das Bancas de qualificação e Defesa

Às professoras Dra. Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly e Dra. Claudette Maria Medeiros Vendramini pela amizade, ensinamentos e exemplo de grandes pesquisadoras.

Às amigas Sandra Maria Sales Oliveira e Eliane Sousa de Oliveira Fernandes pelo companheirismo e pelas viagens que acabavam parecendo passeios, pela boa companhia.

Aos dirigentes e alunos da Universidade onde foi feita a coleta de dados, pela disponibilidade e cooperação.

À colega Sandra Maria Garcia de Aquino e a todos os professores do Curso de Psicologia da Univás que me apoiam e incentivam sempre.

Às mais que amigas Marcilena e Mariana pela revisão das traduções.

Aos meus filhos .....sem palavras.....são meus amores.

À minha grande incentivadora e parceira de todas as horas, minha irmã, Cecília.

À Joana, que chegou apressadinha me fazendo querer concluir o quanto antes este trabalho, para ser uma tia avó mais presente em sua vida.

## Resumo

Bustamante, M. I. (2014). *Busca de Evidências de Validade: Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo.

A presente tese de Doutorado tem como objetivo buscar evidências de validade para a Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade – EATA, e para isso dividiu-se o trabalho em três estudos. Primeiramente será apresentada, em um artigo teórico, uma revisão da literatura quanto aos diferentes modelos explicativos do comportamento agressivo. Estes modelos teóricos perfazem uma teia complexa de interações de fatores ambientais e pessoais como potencialmente responsáveis pela ocorrência do comportamento agressivo. O segundo artigo apresenta o estudo de busca de evidências de validade baseadas na estrutura interna para a EATA. Participaram do estudo 480 universitários, com idade entre 18 e 55 anos, com média de 24 anos, de cursos nas áreas de Ciências Humanas (41,2%), Ciências Biológicas (41,2%) e Ciências Exatas (17,5%), de uma Universidade do Sul de Minas Gerais. Foi realizada Análise Fatorial Confirmatória, sendo que modelo testado não se apresentou apropriado para o conjunto de dados observados. Procedeu-se então à Análise Fatorial Exploratória, que resultou em uma escala com 32 itens, subescala A com 18 itens (alfa de Cronbach = 0,83), subescala B com 6 itens (alfa de Cronbach = 0,75) e subescala C com 7 itens (alfa de Cronbach = 0,63). Nas duas análises não se confirmou a estrutura original e para a amostra estudada se propõe uma nova configuração do instrumento. No terceiro artigo, utilizando a Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade definida no artigo anterior e nomeada EATA- Novo Estudo, será apresentado o estudo de busca de evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis, sendo o Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF e o WHOQOL-Bref, questionário de avaliação de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde - OMS. Foram encontradas correlações significativas entre os três instrumentos, indicando que os construtos tendência à agressividade, percepção do suporte familiar e qualidade de vida estão parcialmente relacionados.

Palavras-chave: avaliação psicológica; agressividade; universitários; suporte familiar; qualidade de vida.

## Abstract

Bustamante, M. I. (2014). *Search for evidence of Validity: Scale for the Assessment of tendency to Aggressiveness*. Doctoral Thesis, Stricto Sensu Graduate Program in Psychology, Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo.

This Doctoral thesis aims to search for evidences of validity to the Scale for the Assessment of Tendency to Aggressiveness - EATA. At first will be presented, in a theoretical article, a review of the literature regarding the different aggressive behavior explanatory models. These theoretical models make up a complex web of interactions between environmental and personal factors as potentially responsible for the occurrence of aggressive behavior. The second article presents the study to search for evidence of validity based on internal structure to EATA. Study participants were 480 university students, aged between 18 and 55 years, with an average of 24 years, of courses in the areas of Human Sciences (41.2 %), Biological Sciences (41.2 %) and Exact Sciences (17.5 %), of an University of the South of Minas Gerais. Was performed Confirmatory Factor Analysis, and model tested was not appropriate for the set of observed data. Then was performed the Exploratory Factor Analysis, which resulted in a scale with 32 items, subscale A with 18 items (Cronbach's alpha = 0.83), subscale B with 6 items (Cronbach's alpha = 0.75) and subscale C with 7 items (Cronbach's alpha = 0.63). In both analyzes were not confirmed the original structure and for the studied sample it is proposed a new instrument configuration. The third article will be presented the study with the Scale for the Assessment of a tendency to Aggressiveness set in the previous study, and which will be named EATA- New Study, in search of evidence of validity based on relations with other variables, being the Inventory of Perception of Family Support - IPSF and WHOQOL-Bref questionnaire for the evaluation of Quality of Life to World Health Organization WHO. Significant correlations were found between the three instruments, indicating that the constructs tendency toward aggressiveness, perception of family support and quality of life are partially related.

Keywords: psychological assessment; aggressiveness; university students; family support; quality of life.

## Resumen

Bustamante, M. I. (2014). *Búsqueda de Evidencias de validez: Escala de Evaluación de la Tendencia a la Agresividad*. Tesis Doctoral, Programa Posgrado Stricto Sensu en Psicología de la Universidade de São Francisco, Itatiba, São Paulo.

Esta tesis doctoral tiene como objetivo buscar evidencias de validez de la Escala de Evaluación de la Tendencia a la Agresividad - EATA. En primer lugar se presentará en un artículo teórico, una revisión de la literatura sobre los diferentes modelos explicativos de la conducta agresiva. Estos modelos teóricos conforman una compleja red de interacciones de los factores ambientales y personales como potencialmente responsables de la aparición de la conducta agresiva. En el segundo artículo se presentará el estudio de la búsqueda de evidencias de la validez basada en la estructura interna de la EATA. Los participantes del estudio fueron 480 estudiantes universitarios entre 18 y 55 años, con una media de 24 años de cursos en las áreas de Ciencias Humanas (41,2%), Ciencias Biológicas (41,2%) y Ciencias Exactas (17,5%), de la Universidad del Sur de Minas Gerais. Se realizó el Análisis Factorial Confirmatoria siendo que el modelo de prueba no se presentó apropiado para el conjunto de datos observado. A continuación, se procedió a la Análisis Factorial Exploratoria, que se tradujo en una escala con 32 ítems, la subescala con 18 artículos (alfa de Cronbach = 0,83) subescala B con seis ítems (alfa de Cronbach = 0,75) y C subescala con 7 ítems (alfa de Cronbach = 0,63). Sin embargo, en ambos análisis no se ha confirmado la estructura original y para la muestra estudiada se propone una nueva configuración del instrumento. En el tercer artículo se presentará el estudio con la Escala de Evaluación de la Tendencia a la Agresividad definida en el estudio anterior, y será nombrado EATA- Nuevo Estudio, en la búsqueda de evidencias de validez basada en las relaciones con otras variables, el Inventario de Percepción de Apoyo Familiar - IPSF y el WHOQOL-Bref, cuestionario de Evaluación de la Calidad de Vida de la Organización Mundial de la Salud - OMS. Se encontraron correlaciones significativas entre los tres instrumentos, indicando que los constructos tendencia hacia la agresividad, la percepción de apoyo familiar y la calidad de vida se relacionan parcialmente.

Palabras clave: evaluación psicológica; agresividad; universitarios; apoyo familiar; calidad de vida.

## Sumário

LISTA DE TABELAS .....	x
LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS .....	xi
LISTA DE ANEXOS .....	xii
APRESENTAÇÃO.....	1
ARTIGO 1 .....	4
INTRODUÇÃO.....	5
CONSIDERAÇÕES .....	23
REFERÊNCIAS .... ..	23
ARTIGO 2 .....	29
INTRODUÇÃO.....	31
MÉTODO .....	40
Participantes .....	40
Instrumentos.....	40
Procedimentos .....	42
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	43
CONSIDERAÇÕES .....	53
REFERÊNCIAS .....	54
ARTIGO 3 .....	58
INTRODUÇÃO.....	60
MÉTODO .....	71
Participantes .....	71
Instrumentos.....	71
Procedimentos .....	74
RESULTADOS .....	75

	x
DISCUSSÃO .....	78
CONSIDERAÇÕES .....	83
REFERÊNCIAS .....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
ANEXOS .....	92

## Lista de tabelas

### **Artigo 2 - Busca de evidências de validade baseadas na estrutura interna da EATA**

Tabela 1- Análise Fatorial Exploratória com extração de itens com valor > 0,30.....	45
Tabela 2- Itens no teste t que referendam maior pontuação ao sexo feminino .....	46
Tabela 3- Itens no teste t que referendam maior pontuação ao sexo masculino .....	47
Tabela 4- Análise Fatorial Exploratória com extração de itens com carga fatorial >0,35..	48
Tabela 5- Itens no teste t que referendam maior pontuação ao sexo feminino .....	51
Tabela 6- Itens no teste t que referendam maior pontuação ao sexo masculino .....	51
Tabela 7- Precisão dos itens da EATA por fator .....	53

### **Artigo 3 - Tendência à agressividade: evidências de validade com base nas relações com outras variáveis.**

Tabela 1-Correlação entre fatores EATA - Novo Estudo e IPSF .....	76
Tabela 2- Correlação entre fatores da EATA- Novo Estudo e do Whoqol- Bref .....	77

## **Lista de abreviaturas e símbolos**

AERA – American Educational Research Association

APA – American Psychological Association

BPAQ – Buss Perry Aggression Questionnaire

CBCL – Child Behavior Checklist

CFP – Conselho federal de Psicologia

CID-10 – Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

DIF – Funcionamento Diferencial dos Itens

DP – Desvio Padrão

DSM IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 4ª ed.

DSM V – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª ed.

EATA – Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade

IPSF – Inventário de Percepção de Suporte Familiar

MGA – Modelo Geral de Agressão

NCME – National Council on Measurement in Education

OMS – Organização Mundial da Saúde

WHOQOL\_Bref – Instrumento abreviado de Avaliação da Qualidade de Vida

## Lista de Anexos

Anexo 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	92
Anexo 2- Ficha de Caracterização .....	93
Anexo 3- Carta de autorização para coleta de dados .....	94
Anexo 4 - Pedido de autorização para coleta de dados .....	95
Anexo 5 - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa .....	96
Anexo 6 - WHOQOL-Bref.....	97

## **Apresentação**

O homem demorou muitos séculos para entender as diferenças individuais, os comportamentos estranhos, os problemas mentais graves, e para isso lançou mão das mais variadas explicações às quais o distanciavam da realidade de encarar esses processos como parte da condição humana. Muitos cientistas no início do século XIX preocupavam-se com a mensuração das diferenças individuais ou com o que havia de comum no comportamento das pessoas, e nesse contexto surgiram os testes psicológicos (Werlang, Villemor Amaral & Nascimento, 2010).

Quanto mais se moderniza a sociedade, mais variadas e urgentes se tornam as necessidades de avaliar o comportamento das pessoas de uma forma mais precisa, porque com base em tais avaliações são tomadas decisões que afetam profundamente a vida dessas mesmas pessoas. Dessa forma, faz-se necessário realizar avaliações confiáveis, pois, segundo Pasquali (2001), a avaliação afeta toda a atividade humana.

A avaliação psicológica é uma das mais importantes competências profissionais do psicólogo, que utiliza de diversas técnicas, para o entendimento do comportamento psicológico de pessoas e grupos (Tavares, 2003). O teste psicológico é uma das técnicas utilizadas na avaliação psicológica, pelo qual se pode fazer inferências sobre a conduta e funcionamento cognitivo e emocional do indivíduo avaliado (Muñiz, 2004).

“A responsabilidade social da Psicologia se expressa por meio de seus métodos e suas técnicas, os quais devem ser confiáveis, válidos e fidedignos para a população na qual eles serão empregados” (CFP, 2010, p.16). Neste sentido, sempre houve por parte da Associação Psicológica Americana (APA), e também por outras instituições correlatas, a

preocupação com relação à cientificidade dos testes psicológicos, demonstrando uma necessidade de estabelecer critérios para a padronização e uso dos testes. A legitimidade dos testes precisa ser fundamentada em estudos que comprovem suas qualidades psicométricas, de forma a estarem adequados às especificações que garantam reconhecimento e credibilidade por parte da comunidade científica e dos leigos (Noronha & Vendramini, 2003).

A escolha do tema deste estudo teve o propósito de atender uma das principais demandas da avaliação psicológica, quanto à oferta de instrumentos qualificados e que auxiliem no direcionamento de investigações diagnósticas com maior segurança. A Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade – EATA, criada por Sisto (2012) preenche uma lacuna quanto à escassez de instrumentos publicados para avaliar a agressividade relacionada a jovens e adultos.

O tema agressividade tem sido uma preocupação da sociedade como um todo e avaliações confiáveis deste construto poderão contribuir no entendimento e prevenção do comportamento agressivo. As pesquisas, no Brasil, que tratam do conceito agressividade, se relacionam principalmente à violência dentro e em relação à escola, com informações aferidas indiretamente, ou seja, por meio de relatos de pais e professores e relacionadas em sua maioria a crianças.

A EATA teve seu manual publicado pela Editora Casa do Psicólogo e passou a fazer parte da lista dos testes aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia em 2012. Segundo Borsa e Bandeira (2011), mesmo que o instrumento apresente propriedades psicométricas satisfatórias nos estudos originais, tais resultados não podem ser generalizados para outros estudos, são necessários novos estudos para verificar a qualidade do instrumento naquela

amostra e contexto específico. Neste sentido, propôs-se buscar evidências de validade para a EATA.

O presente estudo está organizado em forma de artigos científicos, com vistas à submissão e futura publicação em periódicos. Serão apresentados três artigos, sendo um teórico e dois empíricos.

O primeiro irá elucidar sobre o tema da Agressividade, trazendo visões diferentes de diversas abordagens teóricas que têm sido utilizadas pela psicologia para a compreensão do comportamento agressivo, desde as teorias clássicas até teorias mais atuais e algumas formas de classificações a partir das mesmas. O segundo Artigo versa sobre evidências de validade baseadas na estrutura interna da Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade – EATA, apresentando a Análise Fatorial Confirmatória e Análise Fatorial Exploratória. O Artigo 3 apresenta a Análise de Evidências de Validade em Relação a outras Variáveis, por meio do Inventário de Percepção do Suporte Familiar - IPSF e do Instrumento de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde - WHOQOL-Bref. Assim sendo, aventa-se a hipótese, a partir dos resultados obtidos, de que havendo uma maior tendência à agressividade encontrar-se-á percepção negativa do suporte familiar e pior percepção da qualidade de vida pelos jovens participantes desta pesquisa.

# ARTIGO 1

## CONSIDERAÇÕES SOBRE AGRESSIVIDADE

## CONSIDERATIONS ABOUT AGGRESSIVENESS

## CONSIDERACIONES ACERCA DE LA AGRESIVIDAD

Maria Inês Bustamante (1), Universidade São Francisco, Itatiba

Cláudio Garcia Capitão (2), Universidade São Francisco, Itatiba

Sobre os autores:

1. Psicóloga, Mestre em Ciências da Saúde pela UNIFESP. Docente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Sapucaí.  
e-mail: [minesbustamante@yahoo.com.br](mailto:minesbustamante@yahoo.com.br)
2. Psicólogo, Especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar, Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.  
e-mail: [cgcapitao@uol.com.br](mailto:cgcapitao@uol.com.br)  
End.: Av. Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – CEP 13251-900 – Itatiba/SP – Brasil.  
Fones: +55 (11) 4534-8046 | +55 (11) 4534-8046

## RESUMO

A agressividade configura-se como um construto complexo e multidimensional, que possui diferentes definições e múltiplas variáveis envolvidas. O comportamento agressivo é definido como o ato ou conduta intencional, que visa causar algum dano físico ou psicológico a alguém ou a um grupo de pessoas. O presente artigo tem como objetivo apresentar as diferentes perspectivas teóricas que têm sido utilizadas pela psicologia para a compreensão do comportamento agressivo, desde as teorias clássicas como a Teoria dos Impulsos ou Instintos, Teoria da Frustração Agressão e Teoria do Aprendizado social, até teorias mais atuais como a teoria Neoassociacionista de Berkowitz, Teoria do Processamento da Informação Social, Teoria do Interacionismo Social e o Modelo Geral de Agressão.

Palavras Chave: psicologia, comportamento agressivo, modelos teóricos.

## ABSTRACT

The aggressiveness is configured as a complex and multidimensional construct, which has different definitions and multiple variables involved. The aggressive behavior is defined as intentional act or conduct that aims to cause any physical or psychological damage to someone or a group of people. The present article aimed to present these theories and some forms of classifications from the same. Different theoretical perspectives have been used by psychology to the understanding of aggressive behavior, since the classical theories such as the Theory of Impulses or Instincts, Theory of Frustration-aggression and Social Learning Theory, until more current theories as Neoassociationist Theory of Berkowitz, Theory Social Information Processing, Theory of Social Interactionism and the General Model of Aggression.

Key words: psychology, aggressive behavior, theoretical models.

## RESUMEN

La agresividad se caracteriza por ser un constructo complejo y multidimensional que posee distintas definiciones y múltiples variables involucradas. El comportamiento agresivo se define como el acto o la conducta intencional, que tiene como objetivo causar cualquier daño físico o psicológico a una persona o a un grupo de personas. El presente artículo tenían como objetivo presentar estas teorías y algunas formas de clasificaciones a partir de ellas. Diferentes perspectivas teóricas han sido utilizado por la psicología para la comprensión de la conducta agresiva desde las teorías clásicas, como la teoría de los impulsos o instintos, teoría de la Frustración Agresión y la teoría del Aprendizaje Social, incluso teorías más actuales como la teoría de la Neosociacionista Berkowitz, teoría del Interaccionismo Social y el Modelo General de Agresión.

Palabras clave: psicología, comportamiento agresivo, modelos teóricos.

## INTRODUÇÃO

O homem deveria humanizar-se na medida em que cresce e adquire experiência. Humanizar-se no sentido de diferenciar-se dos animais, valorizando virtudes como justiça, compaixão, amor, tolerância, entre outras, porém, num mundo tão cheio de divergências e contrastes sociais, as relações humanas parecem correr perigo. A agressividade é uma das tendências na resolução de conflitos interpessoais e com presença constante na mídia.

Parece plausível falar em um aumento epidêmico de “fenômenos agressivos” na sociedade, e isso tem sido foco da mídia quando diferentes jornais e programas de TV apresentam diariamente várias formas de expressão das condutas agressivas e antissociais. Vale ressaltar que o Conselho Nacional do Ministério Público divulgou uma pesquisa em 2012, elaborada a partir de inquéritos policiais de 2011 e 2012 objetivando verificar a proporção de assassinatos acontecidos por motivos fúteis e/ou por impulso. Foram incluídos nessa categoria brigas, ciúmes, conflitos entre vizinhos, desavenças, discussões, violências domésticas, desentendimentos no trânsito, dentre outros. No ano de 2013, o Ministério da Justiça divulgou também uma pesquisa no mesmo sentido, verificando um alto percentual de crimes praticados com armas de fogo em situações cotidianas, como brigas entre vizinhos e violência doméstica (Waiselfisz, 2013).

Estudos relacionados a este construto poderão contribuir, acredita-se, com o desenvolvimento de políticas e programas de prevenção e controle de alguns problemas sérios que são correlatos com o comportamento agressivo. Neste sentido o presente artigo apresenta alguns aspectos conceituais sobre agressividade, desde modelos biológicos a modelos psicológicos, que dão conta de uma teia complexa de interações entre fatores ambientais e pessoais, de natureza cognitiva, emocional e fisiológica. A frustração, o afeto negativo, a aprendizagem, o processamento deficiente de informação, assim como diferentes combinações destes processos são considerados como potenciais responsáveis pela ocorrência de comportamentos agressivos.

A palavra Agressividade deriva do latim (*ad gradior*), significando um movimento (*gradior*) para a frente (*ad*) e, portanto, uma forma de ir à procura de metas, mover-se ativamente para um objeto qualquer, dando a ideia de uma disposição para enfrentar obstáculos, de não recuar. Em outras palavras, trata-se de uma manifestação de força e

afirmação pessoal (Zimmerman, 2001). O termo agressividade, com o tempo, passou a ter dois significados bem distintos: um positivo de força, de afirmação e de exercício do poder pessoal, de capacidade para superar obstáculos; e outro negativo de hostilidade, de ofensa às pessoas, de disposição para a violência e para a lesão física ou moral.

As definições quanto à agressão e agressividade encontradas são várias, dependendo dos modelos teóricos adotados. De acordo com o Dicionário de Psicologia Dorsch (2001) sobre a origem da agressão, confrontam-se três concepções, que serão vistas adiante: Teoria dos Impulsos ou Instintos de Freud e de Lorenz; Hipótese da Frustração-Agressão de Dollard e Miller; e a Teoria do Aprendizado Social, de Bandura e Walters.

A visão psicanalítica clássica, além de suas contribuições que ainda se fazem presentes nas discussões sobre o tema, inspirou muitos autores ao estudo sobre a agressividade e posteriormente outras abordagens começaram a questionar a ideia de impulso, instinto, abrindo caminhos para pesquisas sobre fatores de aprendizagem presentes em vários estudos publicados. Sem a pretensão de apresentar a totalidade destes estudos, alguns poderão elucidar este estudo sobre o tema.

Apesar da Etologia e da psicanálise serem teorias distintas, verificam-se na literatura alguns pontos em comum entre elas, por exemplo, a visão de que o impulso agressivo é inato e assim, inevitável. A Etologia enfatiza a determinação genética do comportamento, e foi fortemente influenciada pela teoria evolucionista de Darwin. Lorenz (1995) a define como sendo o ramo da Biologia voltado para o estudo comparado do comportamento humano e animal.

Konrad Lorenz desenvolveu uma série de estudos e postulações teóricas sobre o comportamento agressivo verificado em homens e em animais, como por exemplo, o Clássico livro “Agressão” (1973), resultado de minuciosa pesquisa sobre o comportamento

agressivo. Para o autor a agressividade é um instinto como qualquer outro e, em condições naturais, é essencial para a preservação da vida, para a organização social e para a manutenção e sobrevivência da espécie.

A Etologia traz à tona a determinação genética do comportamento, e quanto a isto, Carvalho (1998) ressalta que o controle genético não exclui efeitos da experiência. Expressões de medo, raiva e alegria são muito precoces e universais, porém a criação é que garantirá o desenvolvimento dos padrões instintivos de apego com suas ligações com o medo, protestos de raiva, tanto à separação involuntária da figura de apego quanto à aproximação involuntária ou abrupta de estranhos, para as crianças. A compreensão desses processos requer um entendimento das características da natureza do indivíduo, em interação com seu ambiente (Bussab, 2000).

A postulação teórica a respeito da agressão formulada por Lorenz é sustentada por dois elementos básicos, sendo: a) tanto homens quanto animais são dotados de agressividade e esta é reservada à sobrevivência do indivíduo e da espécie e b) a agressão pode ser represada e manifesta por razões internas devido ao acúmulo de energia do impulso agressivo represado anteriormente, o que para o autor explicaria os impulsos assassinos e cruéis do homem. Quanto aos impulsos represados, Lorenz postula ainda que mesmo sem estímulos externos, a energia do impulso represado pode ser tão intensa que poderá explodir sem motivo aparente. Neste sentido, a agressão não é uma reação aos estímulos externos e sim resultado de uma excitação elaborada internamente, ou seja, a espontaneidade do instinto é que torna a agressividade perigosa.

Alguns processos de “desumanização” mencionados por Lorenz (1973) mostram desajustes provocados pelo modo de vida atual, ou seja, pelas características do ambiente contemporâneo em contraste com o ambiente natural. A exemplo disto cita a densidade

demográfica, a superpopulação parece desencadear uma defesa da profusão de contatos sociais, ao que o homem não está naturalmente preparado e que favorece um tipo de desumanização e agressividade. Outras características ainda citadas por Lorenz que contribuem para o desequilíbrio dos sistemas naturais de relacionamento são, a tecnologia que cega as pessoas para certos valores e as priva de tempo para atividades humanas; a ruptura de tradições que impedem as gerações mais jovens de se entenderem com os mais velhos, perturbando as identificações; o armamento artificial intensificado em armas de longa distância cada vez mais destruidoras; fazendo a quebra do equilíbrio natural.

Ainda na obra de Lorenz, “Agressão” (1973), este refere que é nosso dever aprofundar o conhecimento do nosso próprio comportamento e das conexões causais que o regulam, e dentre as várias linhas de estudo, cita o estudo das possibilidades de descarregar sobre objetos de substituição a agressão em sua forma primitiva, também o estudo psicanalítico da sublimação, forma tipicamente humana de catarse que poderá distender as pulsões agressivas reprimidas. Ferrari (2006), quanto ao estudo da psicanálise, refere que rastrear o assunto agressividade na obra de Freud significa deparar-se com vários conceitos como, autoerotismo, narcisismo, sadismo, masoquismo, tendência restitutória, pulsão de morte, o mito do Pai, e termos como hostilidade, crueldade, intenção e tendência agressiva, todos eles ligados a Eros e Thanatos.

Kristensen, Lima, Ferlin, Flores e Hackmann (2003) enfatizam que para Freud a agressividade começa a se formar junto ao desenvolvimento do indivíduo. Em “O ego e o id” (1923/1996), Freud fala sobre duas pulsões que englobam os instintos, sendo a pulsão de vida, Eros, que abarca todas as pulsões que objetivam a criação ou manutenção da unidade tais como as pulsões sexuais e as de autoconservação e a pulsão de morte, Thanatos, que visa eliminar as tensões. Um derivado importante do instinto de morte é a

agressividade, que aparece como autodestruição quando voltada para o interior, podendo também voltar-se para fora, como pulsão de agressão. Neste segundo caso, essa pulsão está a serviço de Eros, pois destrói outro objeto ao invés de destruir seu próprio eu.

A agressividade humana, segundo Freud, está inscrita na ordem social, referente à herança de uma lei a que o humano se submete. Dessa forma, para Freud, no humano há hostilidade e ódio. Tais afetos expressam que há uma intenção agressiva por parte do eu, ou seja, algo diferente de instinto agressivo. Ao afirmar que o ódio não é simplesmente o negativo do amor, ele dá provas de já ter à sua disposição uma complexa teoria metapsicológica da agressividade. A tese central de Freud está contida na sua afirmação de que “os verdadeiros protótipos da relação de ódio não provém da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se” (Freud, 1915/1996, p.160).

Contrariando Freud, que privilegiou a libido, Klein (1930/1996) tomou como foco a agressividade e sua influência no desenvolvimento psíquico, afirmando que a angústia tem sua origem no excesso de agressividade experimentado pelo bebê nos primeiros meses de vida. Explica que o ego é obrigado a lidar com a angústia que advém desse excesso pulsional, tendo assim, que criar mecanismos defensivos, expulsando de si a agressividade e dirigindo-a contra o objeto com a intenção de destruí-lo. A agressividade então se torna fonte de perigo, pois ao liberar a angústia, estabelece-se o medo da retaliação por parte do objeto atacado. É importante frisar que assim como Freud, Klein coloca a angústia como promotora de mecanismos de defesa, que utilizados pela criança, serão atualizados na vida adulta à medida que o sujeito vivencie situações geradoras de angústia. Klein (1946/1991) ainda afirma que a angústia é derivada da pulsão de morte assumindo especificamente a forma da agressividade.

Para Bion (1991) a formação do pensamento tem como ponto de partida a frustração de algumas necessidades básicas que são impostas ao bebê, e sua capacidade menor ou maior de tolerar o ódio resultante de frustrações. Quando a capacidade de tolerância é insuficiente, a experiência é internalizada como algo mau que deve ser expulso e a criança reage com agitação e o adulto com atuações.

Costa (1986, p.30), psicanalista brasileiro que tem se dedicado ao tema, fala de violência como “o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos” e principalmente percebida por quem observa ou recebe esta agressividade, havendo assim a intencionalidade na agressão, ou seja, uma ação violenta. Portanto, para o autor, só há violência “quando o sujeito que sofre a ação agressiva sente no agente da ação um desejo de destruição.” A agressividade, ao contrário da violência, inscreve-se dentro do próprio processo de construção da subjetividade, uma vez que seu movimento ajuda a organizar o labirinto identificatório de cada sujeito.

Vilhena e Maia (2002) ainda contribuem com a temática quando afirmam que a tendência antissocial e a agressividade podem tomar vários rumos, dependendo do papel que a família desempenha. Para as autoras, a violência que hoje se vê está relacionada à família que deveria ser a referência e o suporte à agressividade do bebê e do adolescente que infringe regras, e hoje tem falhado em seu papel de contenedora dos impulsos agressivos, que acabam por transformarem-se em destrutividade, violência e delinquência.

Quanto à agressividade especificamente, as mesmas autoras ainda referem que esta passa pela questão da negligência e falha nas funções materna primária e paterna. Quando o adulto, como referência, não for bastante forte, ou estiver fragilizado para assumir responsabilidades, a criança será responsabilizada muito cedo pelos seus atos, ou seja, pais com medo de assumir o lugar de pais, este lugar terá que ser preenchido por algo ou alguém

que está fora da família. Sem essas funções parentais sendo exercidas de forma suficientemente boa, a criança acaba por perder seus referenciais identificatórios. Surge assim, uma família adolescente, sem um papel que caiba à criança e outro aos adultos: os papéis ou aparecem invertidos, ou aparecem diluídos. A agressividade e a violência que se vê hoje em dia, e que assustam, representam uma última tentativa de estabelecimento de um diálogo, que já foi rompido (Vilhena & Maia, 2003).

Em relação aos modelos teóricos apresentados, pode-se dizer que concordam em pelo menos três pontos básicos. Primeiro que a agressão é instintiva, inata; segundo que é impulsionada por uma energia interna do organismo, levando-o a comportamentos agressivos, e por fim, que essa energia armazenada precisa ser descarregada por meio de atividades sociais para que não haja acúmulo e consequências piores (Kristensen et al., 2003).

Quanto às divergências entre a perspectiva etológica de Lorenz e a teoria Psicanalítica de Freud, vê-se principalmente o entendimento da função da agressão. Para a etologia a função é adaptadora, é necessária para a organização e a preservação da vida. Para Freud a agressão é destrutiva, é o maior impedimento à evolução da civilização e por outro lado é inútil tentar eliminá-la, pois ela é resultado da interação de forças inatas, uma característica psicológica da civilização que, entretanto, pode ser amenizada por meio de práticas socialmente construtivas (Chaves, 2006).

Assim como nas concepções psicanalíticas, na teoria da Frustração/Agressão a não satisfação de um impulso traz como consequência a agressividade. Porém, Dollard, Doob, Miller, Mowrer e Sears (1939, citados por Rodrigues, 1970), criticaram o conceito desenvolvido por Freud quanto à energia psíquica e postularam ao invés do conceito de

instinto de morte e agressivo, a ideia de incidências de frustrações como antecedentes motivacionais aos comportamentos agressivos

Tal como formulada por Dollard, et al. (1939) citados por Rodrigues (1970), a hipótese aqui considerada estabelece que "agressão é sempre uma consequência de frustração" e que "... a existência de frustração sempre leva a alguma forma de agressão" (p. 1). Depois desta publicação, Miller, Sears, Mowrer, Doob e Dollard, (1941) propuseram uma modificação nesta última afirmação, alterando-a da seguinte maneira: "Frustração produz instigações a diversos tipos de resposta, uma das quais é uma instigação a alguma forma de agressão" (p. 338). Os proponentes desta hipótese caracterizam frustração, quando houver uma interferência que impeça o alcance a um objetivo estabelecido, seja como uma barreira física, social, como regras e leis, ou uma simples interrupção.

Rosenzweig (1944,1948) refere-se à agressão como uma das respostas alternativas a uma situação de frustração. Quanto a frustração o autor define como sendo uma emoção que ocorre nas situações onde algo obstrui ou dificulta a satisfação de uma necessidade vital. Quanto mais importante for o objetivo, maior será a frustração. Existem dois tipos de frustrações, a frustração primária ou privação é caracterizada pela quantidade de estresse e insatisfação resultantes da não satisfação de uma necessidade. A secundária é constituída pela presença de obstáculos ou dificuldades encontradas no caminho para a satisfação de uma necessidade.

As reações à frustração podem ser examinadas sob três perspectivas principais, segundo Rosenzweig (1944). A predominância do obstáculo constitui a reação em que a pessoa persiste na situação frustrante. Na defesa do ego, a pessoa insiste no que está sentindo, colocando-se como a parte mais importante da resposta, e lança a culpa sobre outra pessoa, aceita a responsabilidade ou afirma que a responsabilidade não é de ninguém.

Já a persistência da necessidade consiste em pedir ajuda de outra pessoa para a solução do problema, ou seja, a tendência da resposta é direcionada para a solução do problema inerente à situação frustradora.

O mesmo autor dividiu as respostas que englobam a reação de defesa do ego frente à frustração em três tipos. Extrapunitivo é quando a agressão é dirigida para fora, a pessoa atribui a frustração a outros. Intrapunitivo é aquele que direciona a agressão para dentro de si mesmo, resultando em culpa e remorso. Impunitivo quando a agressão é evitada, isto é, não se constitui força geradora de resposta. A situação frustradora é percebida como sem importância. Outra formulação importante na teoria da frustração- Agressão, é a de tolerância à frustração, que define pela atitude da pessoa suportar frustração sem perder sua adaptação psicológica, sem recorrer a respostas inadequadas.

De acordo com Mergaree e Hokanson (1976) nem sempre a ocorrência de frustração gera um comportamento agressivo, pois os seres humanos são instruídos desde pequenos, por meio do processo de socialização, a suprimir e controlar as reações agressivas de forma a não expressá-las diante de um acontecimento frustrante. Entretanto, isso não significa que tais tendências tenham sido anuladas, podem apenas ter sido disfarçadas, reprimidas ou temporariamente desviadas de seu objetivo. A agressão pode também não ser direcionada para a fonte causadora de frustração, principalmente quando outras pessoas possam desaprovar ou punir tal comportamento e assim pode ser transferida para outro alvo que resulte em menor probabilidade de punição. Assim, em síntese, a manifestação da agressão depende, dentre outros fatores, da posição hierárquica ocupada pelo possível agressor e pelo alvo a quem esta agressão seria direcionada. Em contrapartida, a intensidade com que a agressão é expressa vai variar de acordo com fatores

como: a força despendida para se chegar a um determinado objetivo, o valor que lhe é atribuído e o grau de interferência (Kristensen et al., 2003).

Em oposição à visão de que a agressividade depende de impulsos internos e ou inatos, e também da ideia de que os comportamentos agressivos sejam resultado de frustrações, a Psicologia Social postula que o contexto social e o ambiente têm papel determinante nas condutas agressivas. Assim, a Teoria da Aprendizagem Social defende que a aquisição de respostas comportamentais agressivas acontece por modelagem, ou seja, a aquisição de um repertório de comportamentos agressivos é feita pela observação dos outros, memorizando as consequências, pelo reforço ou punição envolvidos na situação, que podem estar presentes na família ou apresentados na mídia. A hostilidade e a agressividade tendem a ser muito imitadas, principalmente pelas crianças (Bandura, Azzi & Polydoro, 2008).

"O aprendizado seria excessivamente trabalhoso, para não mencionar perigosos, se as pessoas dependessem somente dos efeitos de suas próprias ações para informá-las sobre o que fazer. Por sorte, a maior parte do comportamento humano é aprendida pela observação através da modelagem. Pela observação dos outros, uma pessoa forma uma ideia de como novos comportamentos são executados e, em ocasiões posteriores, esta informação codificada serve como um guia para a ação". (Bandura et al., 2008, p. 22)

Além do fato de observar, outros fatores estão envolvidos nesta aprendizagem, o status do modelo, o sexo, o papel que este modelo ocupa no contexto familiar, ou social. Normalmente estes modelos ocupam lugar de importância na relação com este jovem, mesmo que essa relação seja real ou imaginária.

Neste sentido, Ceconello, Antoni e Koller (2003) discutiram sobre estilos parentais e práticas educativas e sua influência sobre o comportamento das crianças. Para esses autores, pais autoritários que usam de punição física como prática educativa tendem a formar filhos com problemas de comportamento agressivo excessivo.

Bandura et al. (2008) afirmam que atos extremamente violentos não podem ser espontâneos, inatos, mas precisam ser aprendidos e treinados. São aprendidos lentamente e necessitam de modelos que os pratiquem, que demonstrem tipos de recompensas ou punições recebidas.

Segundo Marler, Trainor e Davis (2005) são os pais os primeiros modelos comportamentais observados e são eles os principais responsáveis pelo universo social da criança. Os autores enfatizam ainda que a aprendizagem social atua diretamente sobre a formação do repertório não apenas da criança com tendência a ser um adulto problemático, mas que também serão modelos e podendo ainda criar ambientes prejudiciais às gerações seguintes.

Ferreira (2011) acrescenta que a probabilidade de uma pessoa atuar em função desta aprendizagem, vai depender das contingências ambientais percebidas, se houver incentivo adequado será maior a probabilidade de demonstração de comportamento agressivo. No entanto nem todas as pessoas que observam atos agressivos se tornam agressivas, pois diferenças individuais fazem a diferença.

Alguns teóricos preocupados com a variedade de fatores implicados nos estudos sobre a agressividade procuraram formular sínteses incrementando os estudos nesta área. Surgem assim, a partir da década de 1990 alguns modelos teóricos, que serão apresentados a seguir, como: cognitivismo neo-associacionista, processamento de informação social, interacionismo social e modelo geral de agressão baseado em estruturas de conhecimento.

Berkowitz (1989) constatou que a frustração causava um estado de agressividade, uma preparação emocional para agredir, não causava agressão. A causalidade foi então o ponto de partida para a teoria de mediação psicológica chamada de neo-associacionismo cognitivo, que estabelece que a frustração é uma das muitas condições que provocam um estado afetivo negativo, e este, por sua vez, pode desencadear tendências de luta e fuga consideradas como redes de componentes emocionais, cognitivos, fisiológicos e motores que estão associativamente ligados.

Na concepção de Berkowitz (1989), nem toda frustração leva necessariamente à expressão do comportamento agressivo, pois nem sempre a frustração apresenta um caráter aversivo, dependendo basicamente de como o sujeito experiêcia determinado evento. Se a experiência afetiva negativa é interpretada de modo a produzir ira, é possível que as tendências agressivas venham a ser ativadas, mas se é interpretada como medo, então há razões para ser desencadeado um comportamento de fuga.

De acordo com esta teoria o comportamento agressivo pode ser visto por duas perspectivas: agressão reativa ou afetiva e agressão instrumental. A primeira refere-se às reações agressivas que são provocadas por estímulos aversivos indicando que haveria uma propensão inata de atacar impulsivamente a fonte do estímulo aversivo ou mesmo um outro alvo qualquer. Desta forma, entende-se que um indivíduo tende a apresentar uma diminuição do comportamento agressivo logo após ter emitido uma resposta agressiva, no entanto, isto não quer dizer que a pessoa será menos agressiva quando for estimulada numa próxima vez. A agressão instrumental, por sua vez, ao invés de uma reação, é um comportamento apreendido com o objetivo de alcançar recompensas e evitar punições. Este sistema agressivo se estabelece a partir do anterior (agressão reativa), entretanto, autores

como Tedeschi e Felson (1994) apontam que o sistema de agressão reativa é mais significativo e característico para auxiliar a compreensão da agressão em humanos.

Interessante perceber nesta teoria é que outras condições explicativas do comportamento agressivo podem ser levadas em conta, desde que eliciem um estado afetivo negativo grande o bastante para ativar uma rede cerebral associativa, na qual padrões de reação agressiva estão guardados na memória (Berkowitz 1983, 1989). Como por exemplo os incidentes que provocam dor física ou psicológica. Assim, um ambiente desagradável pode elevar a possibilidade de agressão: o calor, o ruído e a densidade populacional (Baron & Bell, 1975; Sherrod, Moore & Underwood, 1979; Lawrence & Andrews, 2004), têm sido exemplos associados ao aumento de comportamentos agressivos. Estes fatores funcionam como antecedentes por desencadearem estados afetivos negativos que, conjuntamente com a mediação de fatores cognitivos, podem gerar uma atuação agressiva (Ferreira, 2011).

Anderson e Bushman (2001) enfatizam que se deve fazer a distinção em relação aos objetivos imediatos e últimos do comportamento, na formulação de novos modelos teóricos, que representariam uma segunda geração de paradigmas. Assim, um outro modelo emergente na literatura que também enfatiza a influência dos aspectos pessoais e situacionais no comportamento agressivo é conhecido como modelo do Processo de Informação Social.

De acordo com a teoria de Zillmann (1988) as emoções, em larga medida, são consequências da forma como a informação for processada pelo indivíduo, influenciando na resposta comportamental, quer seja para instigar uma resposta agressiva, quer seja para inibi-la. Assim, um indivíduo que percebe erroneamente seu ambiente como hostil e assim

o interprete, mais facilmente vai responder de modo inadequado, aumentando a probabilidade de agressão.

Neste sentido, a teoria do processamento de informação social de Crick e Dodge (1994) enfatiza que a relação entre os estímulos externos e as respostas comportamentais, é mediada pela representação mental do significado de ambos. Esta teoria foi inicialmente formulada tendo em vista o ajustamento social em crianças considerando quatro processos mentais básicos; a codificação de estímulos ambientais, a representação e interpretação destes estímulos, a busca mental por possíveis respostas e a seleção de uma resposta (Dodge & Coie, 1987).

Segundo Kristensen et al. (2003), a partir de reformulações do estudo inicial, os mesmos autores (1994) ainda desenvolveram um novo modelo pelo qual concluíram que uma vez que a criança recebe um retorno de seu comportamento, e que este retorno contribui para a codificação do estímulo, tem-se então o caráter cíclico do modelo. Sendo assim, dependendo do tipo de interação entre o indivíduo e o ambiente, é possível que se desenvolva uma tendência atributiva hostil, na qual o indivíduo tende a atribuir intenções agressivas a seus pares.

Partindo do estudo de Dodge e Coie (1987), foi proposto o “modelo unificado de processamento de informação para a agressão” (p.89), e o conceito chave de sua abordagem é o de *script* mental. Um *script* mental sugere, ao indivíduo, que situações já ocorridas podem se repetir, gerando estratégias de comportamento e reação frente a elas e quais seriam os resultados mais prováveis dos seus comportamentos. “Por isso, fantasias e expectativas sobre a agressão estão fortemente correlacionadas com a expressão de muitos tipos de comportamento agressivo. Estas cognições se desenvolvem na infância e, uma vez

cristalizadas, tornam-se resistentes à mudança” (Huesmann, Moise, Podolski & Eron, 1997).

A permanência de um *script* dependerá do resultado de seu uso produzir ou não as consequências desejadas pelo sujeito, fator este que constitui a chamada aprendizagem instrumental. A interpretação das consequências, sejam elas compensadoras ou punitivas, influenciará a permanência ou não do *script*, uma vez que nem sempre o sujeito irá atribuir, por exemplo, uma resposta negativa da sociedade diretamente ao ato agressivo que cometeu (Kristensen et al., 2003).

Em suma, o conceito proposto por Huesmann et al. (1997) refere-se à aquisição, recuperação e permanência de um comportamento apreendido em uma situação semelhante à vivenciada atualmente, chamada pelo autor de *script*, ressaltando a importância do aprendizado vivenciado pela criança. Um outro modelo atualmente defendido, que também leva em consideração a avaliação do sujeito é a perspectiva do Interacionismo Social.

Os principais representantes desta abordagem são Tedeschi e Felson (1994) e para estes autores o termo agressão tende a direcionar a análise, focalizando apenas aspectos internos, psicológicos e biológicos, e ignorando os objetivos sociais dos atores (termo usado para sujeitos) ao agir de forma coercitiva (termo usado para comportamento agressivo). Segundo os autores citados, estes termos, atores e coercitivo, possuem uma maior identificação com a literatura sobre poder, conflito, justiça e identidades sociais.

Definindo-se agressão como a intenção de causar dano, implica em que escolhe-se causar dano. Esta é a principal preocupação de Tedeschi e Felson, ou seja, averiguar porque as pessoas decidem se comportar de forma coercitiva. Parte-se de uma análise baseada num modelo de decisão de acordo com o qual o ator examina quais são os meios alternativos para chegar a um dos três objetivos seguintes, controlar o comportamento de outros atores,

restaurar a justiça, ou assegurar e proteger identidades. A fim de atingir estes objetivos, os atores direcionam suas escolhas em função das recompensas esperadas bem como dos custos e da probabilidade de resultados. Frente ao exposto, aponta-se que neste modelo o foco é mais individual uma vez que suas postulações baseiam-se na decisão do ator em agir ou não de forma coerciva. Em contrapartida, o último modelo a ser apresentado, denominado de modelo geral da agressão, volta-se mais para uma proposta integrativa procurando abarcar tanto fatores pessoais quanto os situacionais ou ambientais (Chaves 2006).

O modelo geral de agressão (MGA) de Anderson e Bushman (2002) tenta integrar as teorias existentes e já citadas neste trabalho. Nos fundamentos deste modelo são enfatizados esquemas perceptuais, esquemas pessoais e *scripts* comportamentais, que se desenvolvem a partir da experiência dos sujeitos, acabam por influenciar as percepções em diferentes níveis. Na medida em que vão sendo utilizadas, tendem a se tornar automatizadas, mantendo-se associadas com estados afetivos e orientando a resposta comportamental do sujeito frente às demandas ambientais.

Segundo os autores, o modelo focaliza a pessoa na situação, e encontra sustento na Psicologia Social, especialmente na vertente representada por Higgins (1990, citado por Kristensen et al., 2003). Para ele, as crenças pessoais, que são uma função tanto da pessoa quanto da situação, são determinantes básicos da significância psicológica dos eventos, influenciando assim na reação das pessoas aos eventos.

Este modelo considera que só a interação dos fatores pessoais com fatores situacionais pode conduzir a aumentos de pensamentos hostis e de sentimentos agressivos e, dependendo da existência de tempo e de recursos cognitivos (Anderson & Bushman, 2001; Anderson & Anderson, 2008). Por fatores pessoais entende-se tudo aquilo que o

indivíduo traz para a situação, desde atitudes, crenças, traços, repertórios de comportamento. Os fatores situacionais incluem todas as características da situação em pauta, que podem aumentar ou inibir a probabilidade de ocorrência de comportamento agressivo, desde insultos, provocações, à mera presença de uma arma.

De acordo com Anderson e Huesmann (2003) todo comportamento social, incluindo o comportamento agressivo, pode ser entendido como o resultado da combinação de fatores pessoais (que determinam a propensão para a agressão), situacionais (que instigam ou inibem a agressão), com fatores distais, ambientais e biológicos que os modificam, inibindo ou intensificando a sua ação. A agressão ocorre quando os componentes pessoais, onde se incluem os traços de personalidade, e os situacionais interagem, de modo a ativar estruturas de conhecimento pré-existentes que facilitam aquele tipo de resposta (Timmerman, 2007).

Pode-se ver até aqui que crianças, jovens e adultos exibem comportamentos agressivos por várias razões e de várias formas. Entretanto, se essas condutas se mostram severas e frequentes, elas podem indicar sinais de psicopatologia. De acordo com o DSM V (APA, 2014), o comportamento agressivo é considerado disfuncional quando não controlado ou amplamente desproporcional e inadequado à situação ou ao contexto. O comportamento agressivo pode ocorrer no contexto de muitos transtornos mentais, como Transtorno da Personalidade Anti-Social, Transtorno da Personalidade Borderline, Transtorno Psicótico, Episódio Maníaco, Transtorno da Conduta *ou* Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, porém isto extrapola o objetivo do presente artigo.

## CONSIDERAÇÕES

Ao longo deste estudo procurou-se demonstrar como a compreensão do fenômeno da agressão demanda uma abordagem múltipla. Além das perspectivas “clássicas”, modelos mais recentes buscam oferecer descrições mais detalhadas dos processos cognitivos envolvidos na agressão humana.

A partir destas perspectivas teóricas, pode-se pensar que a agressão é tanto uma consequência da adaptação aos fatores psicossociais e ambientais, quanto uma consequência dos efeitos biológicos no desenvolvimento psicossocial. Assim, características individuais e variáveis contextuais exercerão influência na manifestação e manutenção dos comportamentos agressivos.

O comportamento agressivo é multideterminado e apresenta inúmeras consequências desfavoráveis a curto, médio e longo prazo. Por esse motivo, são importantes estudos que abordem o presente tema na tentativa de aprimorar a prevenção, bem como o processo de avaliação das condutas agressivas nas várias fases da vida.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association - APA. (2014). *Manual Diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V*, 5ª ed. Tradução Maria Inês Corrêa nascimento, et al. Revisão Técnica: Aristides Volpato Cardioli, et al.; Porto Alegre: Artmed.
- Anderson, C. A. & Anderson, K. B. (2008). Men who target women: Specificity of target, generality of aggressive behavior. *Aggressive Behavior*, 34 (6), 605-622.
- Anderson, C. A. & Bushman, B. J. (2001). Effects of violent video games on aggressive behavior, aggressive cognition, aggressive affect, physiological arousal, and prosocial

- behavior: A meta-analytic review of the scientific literature. *Psychological Science*, 12, 353-359.
- Anderson, C. A. & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27-51.
- Anderson, C. A. & Huesmann, L.R. (2003). Human aggression. In *The Sage Handbook of Social Psychology*. Michael Hogg (Editor) & Joel Cooper (Editor). London: Sage Publications. Recuperado: 19 de maio de 2014. Disponível: <http://www.scribd.com/doc/87311826/the-SAGE-Handbook-of-Social-Psychology-Concise-Student-Edition-Sage-Social-Psychology-Program>
- Bandura A., Azzi, R. G. & Polydoro, S. (2008). Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos. Porto Alegre: Artmed.
- Baron, R.A. & Bell, P. (1975). Aggression and heat: Mediating effects of prior provocation and exposure to an aggressive model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31 (5), 825-832.
- Berkowitz, L. (1983). Aversively stimulated aggression: Some parallels and differences in research with animals and humans. *American Psychologist*, 38(11), 1135.
- Berkowitz, L. (1989). Frustration-Aggression Hypothesis: Examination and Reformulation *Psychological Bulletin*. 106(1), 59-73
- Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago.
- Bussab, V. S. R. (2000). Agressividade: A perspectiva etológica. Em R. R. Kerbauy (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico* (pp. 201-209). Santo André, SP.

- Carvalho, A. M. A. (1998). Etologia e comportamento social. Em L. de Souza, M. M. P. Rodrigues & M. F. Q. Freitas (Orgs.) *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes* (pp. 195-224). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cecconello A. M., Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. esp., p. 45-54.
- Chaves, C. M. C. M. (2006). *Compromisso Convencional: Fator de Proteção para as condutas agressivas, antissociais e de uso de álcool?* [dissertação de Mestrado] Universidade da Paraíba.
- Costa, J. F. (1986). *Violência e Psicanálise*. Ed. Paz e Terra.
- Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1994). A review and reformulation of social information processing mechanisms in children's social adjustment. *Psychological Bulletin*, 115, 74-101.
- Dodge, K. A., & Coie J. D. (1987). Social information processing factors in reactive and proactive aggression in children's peer groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 1146-1158.
- Dorsch, F., Hacker, H. & Stapf, K-H. (2001) *Dicionário de Psicologia* Dorsch. Petrópolis: Editora Vozes.
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência *Psicol. clin.* 18 (2), Rio de Janeiro.
- Ferreira, A. S. M. A. (2011). *O Papel da Personalidade no Comportamento Agressivo: da Teoria à Avaliação* [Dissertação de Mestrado] Faculdade de Psicologia Universidade de Lisboa [Http://Repositorio.Ul.Pt/Bitstream/10451/5099/1/Ulfpie039688\\_Tm.Pdf](http://Repositorio.Ul.Pt/Bitstream/10451/5099/1/Ulfpie039688_Tm.Pdf)
- Freud, S. (1915/1996). *Os instintos e suas vicissitudes* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.

(Originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (1923/1996). *O Ego e o Id* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923).

Huesmann, L. R., Moise, J., Podolski, C. L., & Eron, L. D. (1997). The roles of normative beliefs and fantasy rehearsal in mediating the observational learning of aggression [Resumo]. Em: M. Haug & N. G. Simon (Org.), *XII World Meeting of the International Society for Research on Aggression* (p. 28). Estrasburgo, França: Autor.

Klein, M. (1930/1996). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. Em: M. Klein, (1921-1945). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (A. Cardoso, Trad., pp. 249-264). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930)

Klein M. (1946/1991). "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. Obras Completas de Melanie Klein: Volume III, Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946)". Rio de Janeiro: Imago.

Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z. & Hackmann, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 175-184.

Lawrence, C & Andrews, K. (2004). The influence of perceived prison crowding on male inmates' perception of aggressive events. *Aggressive Behavior*, 30, 273–283.

Lorenz, K. (1973). *A agressão: uma história natural do mal*. Santos: Martins Fontes.

Lorenz, K. (1995). *Os fundamentos da etologia*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Marler, C., Trainor B. C. & Davis E., (2005). Paternal Behavior and Offspring Aggression. *Current Directions In Psychological Science*. 14(3) p. 163-166.

- Mergaree, E. I. & Hokanson, J. E. (1976). A Dinâmica da Agressão Análise dos indivíduos, grupos e nações. São Paulo: Pedagógica e Universitária.
- Miller, N. E., Sears, R. R., Mowrer, O. H., Doob, L. W. & Dollard, J. (1941). The frustration-aggression hypothesis. *Psychological Review*, 48, 337-342.
- Ramirez, F. C. (2001). Condutas agressivas na idade escolar. Amadora: Mc Graw Hill.
- Rodrigues, A. (1970) Algumas Considerações Teóricas Acerca da Resposta a Situações Interpessoais Frustradoras. *Arquivos brasileiros de psicologia Aplicada*, 22(1).
- Rosenzweig, S. (1944). An outline of frustration theory. Em J. Mc. V. Hunt (Org.), *Personality and behavior disorders, a handbook based on experimental and clinical research*, (pp. 535-536) New York: The Ronald press company.
- Rosenzweig, S. (1948). *Teste de Frustração: Manual de psicologia aplicada*. Rio de Janeiro: CEPA.
- Salmivalli, C. (2010). Bullying and the peer group: A review. *Aggression and violent Behavior*, 15(2), 112-120.
- Sherrod, D. R., Moore, B. S. & Underwood, B. (1979). Environmental noise, perceived control and aggression. *Journal of Social Psychology*, 109, 245-252.
- Tedeschi, J. T., & Felson, R. B. (1994). *Violence, aggression, and coercive actions*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Timmerman, T. (2007). "It was a thought pitch": Personal, situational, and target influences on hit-by-pitch events across time. *Journal of Applied Psychology*. 92 (3), 876-884.
- Vilhena, J. & Maia, M. V. C. M. (2002) Agressividade e violência. Reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea. In: *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, UNIFOR, Fortaleza, II (2), pp. 27-58.

Vilhena, J. & Maia, M. V. C. M. (2003). Nos deram espelhos e vimos um mundo doente: Reflexões sobre agressividade, comportamento antissocial e violência na contemporaneidade. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, 1 (1).

Waiselfisz, J. J. (2013). *Homicídios e Juventude no Brasil: Mapa da Violência 2013*.

Secretaria-Geral da Presidência da República. Secretaria Nacional de Juventude.

Disponível:

[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013\\_homicidios\\_juventude.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf)

Zillmann D. (1988). Cognition-excitation interdependencies in aggressive behavior.

*Aggressive Behavior*, 14, 51-64.

Zimerman D. E. (2001), *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre:

Artmed Editora.

## **ARTIGO 2**

### **BUSCA DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS NA ESTRUTURA INTERNA DA EATA**

### **SEARCH FOR EVIDENCE OF VALIDITY BASED ON THE INTERNAL STRUCTURE OF THE EATA**

### **BÚSQUEDA DE EVIDENCIAS DE VALIDEZ BASADO EN LA ESTRUCTURA INTERNA DE LA EATA**

Maria Inês Bustamante (1), Universidade São Francisco, Itatiba  
Cláudio Garcia Capitão (2), Universidade São Francisco, Itatiba

Sobre os autores:

1. Psicóloga, Mestre em Ciências da Saúde pela UNIFESP. Docente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Sapucaí.

E-mail: minesbustamante@yahoo.com.br

2. Psicólogo, Especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar, Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.

E-mail: cgcapitao@uol.com.br

End.: Av. Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – CEP 13251-900 – Itatiba/SP – Brasil.

Fones: +55 (11) 4534-8046 | +55 (11) 4534-8046

## **RESUMO**

O tema agressividade tem sido uma preocupação da sociedade como um todo e avaliações válidas e confiáveis deste construto poderão contribuir no entendimento e prevenção do comportamento agressivo. O presente estudo objetivou buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna para a Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade – EATA. Participaram do estudo 480 universitários de cursos nas áreas de Ciências Humanas (41,2%), Ciências Biológicas (41,2%) e Ciências Exatas (17,5%), de uma Universidade do Sul de Minas Gerais. A idade dos participantes variou de 18 a 55 anos, com média de 24 anos (DP = 6,31). Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória, com o Programa EQS 6.1, usando o método de estimação Maximum Likelihood, sendo que o modelo testado não se apresentou apropriado para o conjunto de dados observados. Procedeu-se então à Análise Fatorial Exploratória, com o programa SPSS, que resultou em uma escala com 32 itens, com boas propriedades psicométricas, composta por subescala A com 18 itens (alfa de Cronbach = 0,83), subescala B com 6 itens (alfa de Cronbach = 0,75) e subescala C com 7 itens (alfa de Cronbach = 0,63). Nas duas análises não se confirmou a estrutura original e para a amostra estudada se propõe uma nova configuração do instrumento, EATA – Novo Estudo.

Palavras Chave: avaliação psicológica, análise fatorial, agressividade.

## **ABSTRACT**

The theme aggressiveness has been a concern of the whole society and reliable assessments of this construct may contribute to the understanding and prevention of aggressive behavior. The aim of this study was to search for evidence of validity based on internal structure to the Scale for the Assessment of a Tendency to Aggressiveness - EATA. The participants of the study were 480 university students of courses in the areas of Human Sciences (41,2 %), Biological Sciences (41,2 %) and Exact Sciences (17,5 %), of a University in the South of Minas Gerais, Brazil. The participants age ranged from 18 to 55 years, with a average of 24 years (SD = 6.31). We performed a Confirmatory Factor Analysis, with the Program EQS 6.1, using the method of estimation Maximum Likelihood, being that the tested model was not appropriate for the set of observed data. Then it was submitted to the Exploratory Factor Analysis, using the SPSS program, which resulted in a scale with 32 items, being subscale A with 18 items (Cronbach's alpha = 0.83), subscale B with 6 items (Cronbach's alpha = 0.75) and subscale C with 7 items (Cronbach's alpha = 0.63). In both analyzes the original structure were not confirmed and for the studied sample it is proposed a new instrument configuration, EATA – Novo Estudo.

Key words: psychological assessment, factor analysis, aggressiveness.

## **RESUMEN**

El tema agresividad ha sido una preocupación de la sociedad en general y evaluaciones confiables de este constructo puede contribuir en la comprensión y la prevención de la conducta agresiva. El presente estudio tuvo como objetivo reunir evidencias de validez basadas en la estructura interna de la Escala para la Evaluación de Tendencia a la Agresividad - la EATA. Los participantes del estudio fueron 480 estudiantes universitarios em las áreas de Ciencias Humanas (41,2%), Ciencias Biológicas (41,2%) y Ciencias Exactas (17,5%), de la Universidad del Sur de Minas Gerais. La edad de los participantes osciló entre 18 a 55 años, con una media de 24 años (DE = 6.31). Fue realizada un análisis factorial confirmatorio con el programa de NCA 6.1, utilizando el método de máxima verosimilitud de la estimación Maximum Likelihood, siendo que el modelo de prueba no se presentó apropiado para el conjunto de datos observado. A continuación, se procedió el Análisis Factorial Exploratorio, con el programa SPSS, lo que resultó en una escala con 32 ítems, siendo subescala A con 18 ítems (alfa de Cronbach = 0,83), subescala B con 6 ítems (alfa de Cronbach = 0,75) y subescala C con 7 ítems (alfa de Cronbach = 0,63). En las dos análisis non se han confirmado la estructura original y para la muestra estudiada se propone una nueva configuración del instrumento, EATA – Novo Estudo.

Palabras clave: evaluación psicológica, análisis factorial, agresividad.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como propósito atender uma das principais demandas da avaliação psicológica, ou seja, a oferta de instrumentos qualificados e que auxiliem a Psicologia a direcionar suas investigações diagnósticas com maior segurança. Não obstante, também proporcionar aos pesquisadores novos instrumentos para o estudo do comportamento humano, no caso a tendência à agressividade.

A Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade – EATA (Sisto, 2012) foi criada frente à escassez de instrumentos brasileiros que avaliassem a agressividade relacionada a jovens e adultos. Teve seus principais estudos iniciados em 2005 (Sisto, Bartholomeu, Rueda, & Granado, 2005; Sisto, Bartholomeu, Santos, Rueda & Suehiro, 2008a; Sisto, Bartholomeu, Santos, Rueda & Suehiro, 2008b) até sua publicação em 2012 (Sisto, 2012). Em meio ao processo de construção deste instrumento deu-se início ao presente estudo, em 2010, com o intuito de atender a Resolução CFP 002/2003 que institui critérios mínimos de qualidade para considerar um teste psicológico apto para uso profissional.

Mesmo hoje a EATA já estando aprovada pelo CFP e tendo apresentado propriedades psicométricas satisfatórias nos estudos anteriores, sabe-se que tais resultados não podem ser generalizados, são necessários novos estudos para verificar a qualidade do instrumento em amostra e contexto específico (Borsa & Bandeira, 2011). Neste sentido, o presente estudo objetiva buscar evidências de validade para a Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade - EATA, por meio da análise da estrutura interna dos itens.

A agressividade e a violência dirigidas contra as gerações mais jovens da sociedade brasileira ou cometidas por estes mesmos jovens, são temas que têm gerado polêmica e

preocupação social. A importância do assunto é ressaltada na mídia, quando noticia jovens que praticam infrações violentas ou adolescentes e crianças que sofrem maus-tratos físicos e psicológicos cometidos muitas vezes por seus próprios familiares, ou pelas instituições socioeducativas (Moreira, Vilhena, Cruz & Novaes, 2009).

No período da adolescência, que compreende uma fase de crescimento e maturação, tanto no sentido físico, como psicológico, esses indivíduos estão sujeitos a diversos riscos. Segundo Carlini-Cotrim, Gazal-Carvalho e Gouveia (2000) e Farias-Júnior e Lopes (2004), a preocupação com os comportamentos que aumentam os riscos de morte e adoecimentos, como uso de álcool e de outras substâncias, hábitos alimentares e condutas agressivas dos adolescentes e jovens vêm sendo estudados por se caracterizarem como fatores que contribuem para o crescimento de morbimortalidades. Países desenvolvidos como os Estados Unidos e outros países desenvolvem pesquisas que monitoram comportamentos de jovens, por entender que uma possível intervenção e mudança de determinadas condutas poderiam ter impacto positivo no quadro de saúde e qualidade de vida da juventude e dos adultos.

Aparentemente há um trajeto da agressividade que começa na infância com manifestações de raiva e pode derivar em comportamentos agressivos e antissociais na adolescência com associações com ingestão de bebidas alcoólicas e drogas ilegais além de sintomas depressivos. Essa sequência pode apresentar diferenciações relacionadas ao sexo, pois as pessoas do sexo masculino têm maiores possibilidades de manifestar problemas em relação à bebida e as do sexo feminino de manifestar sintomas de depressão, em idades semelhantes (na adolescência e início da fase adulta), conforme defendido por Arnett (2004, citado por Sisto, 2012).

Na juventude, alguns sentimentos podem estar relacionados à agressividade, como a vontade de se tornar “poderoso”, “vencedor”. Nesse contexto, duas situações poderiam evidenciar condutas agressivas: a busca imediata e sem limites para alcançar estes *status* e outra no sentido da frustração, ideação agressiva e raiva por não conseguir o sucesso almejado (Sisto, 2012).

Segundo Leme (2004), a agressão é uma conduta episódica, com evolução variável, que assume diferentes formas de manifestação, e está sujeita à influência de variáveis tanto biológicas como sociais ou pessoais, que somadas às variáveis situacionais impulsionam esse comportamento. Neste sentido, alguns pressupostos teóricos procuram responder sobre a natureza da agressão, desde modelos biológicos a modelos psicológicos formam uma teia complexa de interações, em que a frustração, o afeto negativo, a aprendizagem, o processamento deficiente de informação, a bem como diferentes combinações entre todos estes conceitos, são considerados como potenciais responsáveis pela ocorrência de comportamentos agressivos. A personalidade também, como agente e produto da construção de padrões afetivos, cognitivos e comportamentais é vista como componente fundamental para a compreensão dos fatores pessoais predisponentes de manifestações agressivas (Ferreira, 2011).

Referindo-se a comportamento agressivo, Sisto (2008) esclarece que este construto pode ser definido como uma ação intencional para machucar, ou irritar alguém, física ou emocionalmente ou ainda produzir danos materiais, físicos ou psicológicos. Vê-se então a importância do componente intencionalidade, pois um dano acidental, sem intenção, não é considerado agressivo. Porém, estudos sobre este tema deparam-se com a dificuldade em mensurar a intencionalidade, o que tem levado pesquisadores a inferi-la pela frequência dos comportamentos apresentados.

No contexto das influências culturais, estudos apontam que a agressividade das crianças tem se relacionado com habilidades sociais pobres e rejeição entre pares, ao mesmo tempo em que ocorreria, em uma frequência muito elevada, nos segmentos sociais mais baixos (Coie, Terry, Lenox, Lochman & Hyman, 1996). No entanto, Prinstein e Cillessen (2003) asseveraram em seu estudo que certos grupos de pessoas jovens, com *status* social elevado e competente, socialmente também manifestavam comportamentos agressivos em vários níveis de intensidade. Crianças de nível socioeconômico alto, com comportamento agressivo, também foram identificadas. Esses dados colocaram em evidência a natureza heterogênea do comportamento agressivo.

Eysenck (1995) citado por Sisto (2005) defendeu a hipótese de que a intensidade de resposta agressiva esteja relacionada com a personalidade, assim, valeu-se do pressuposto de que existe um núcleo constante e outro variável, e esse núcleo constante foi denominado de traço, entendendo por traço uma disposição ou tendência. Embora os níveis de agressividade sejam amplamente variáveis de pessoa para pessoa, a agressão extrema é muitas vezes incluída no domínio da psicopatologia, e não é preocupante apenas pelo ato, mas também por frequentemente ocorrer juntamente com outras psicopatologias (Sisto, 2012).

O comportamento agressivo, é importante ressaltar, não se configura necessariamente sinônimo de psicopatologia (Lisboa & Koller, 2001). Tal comportamento é considerado disfuncional quando não controlado ou não adequado à situação ou ao contexto. Porém, é importante conhecer as características essenciais, de acordo com o DSM V (APA, 2014) para o diagnóstico de transtornos que envolvam o comportamento agressivo.

O Transtorno de conduta é um padrão comportamental repetitivo e persistente no qual são violados direitos básicos de outras pessoas ou normas ou regras sociais relevantes e apropriadas para a idade. Os comportamentos específicos característicos do Transtorno de Conduta encaixam-se em uma das quatro categorias: agressão a pessoas e animais, destruição de propriedades, fraude ou roubo e grave violação a regras. Pessoas agressivas, com transtorno de conduta costumam inadequadamente perceber as intenções dos outros como hostis e ameaçadoras e responder com agressividade, julgando seu ato justificado (APA, 2014).

Os sintomas do transtorno de Conduta variam de acordo com a idade à medida que o indivíduo desenvolve força física, capacidades cognitivas e maturidade sexual. Os primeiros comportamentos sintomáticos são leves, como mentiras ou pequenos furtos. Quando atingem a idade adulta, os sintomas de agressão, destruição de propriedades, falsidade, violação de regras, incluindo violência contra pessoas podem acontecer em casa ou no trabalho, podendo-se considerar o diagnóstico de transtorno de personalidade antissocial. Ressalta-se que o transtorno de personalidade antissocial que está também relacionado a um padrão difuso de indiferença e violação de direitos dos outros, só pode ser firmado para maiores de 18 anos que tenham apresentado transtorno de conduta antes dos 15 anos de acordo com o DSM V (APA, 2014).

As pesquisas, no Brasil, que tratam do conceito agressividade, relacionam-se principalmente à violência e via de regra tratam deste fenômeno com crianças e dentro e em relação à escola (Lisboa & Koller, 2001; Sposito, 2001; Sisto, 2005; Silva, 2006; Sisto & Oliveira, 2007; Candreva et al., 2009; Joly, Dias & Marini, 2009). Desse modo, as informações sobre agressividade no Brasil ou são aferidas indiretamente, pelo relato de pais

e professores, sendo poucos os estudos que citam escalas e informam dados de validade ou remetem a estudos dessa natureza (Sisto, 2012).

Neste sentido, Borsa e Bandeira (2011) fizeram uma Análise da produção científica Brasileira sobre instrumentos psicológicos de avaliação do comportamento agressivo de crianças e relataram que as pesquisas relacionadas a esse construto foram incrementadas a partir de 2000. Relatam ainda que o instrumento mais utilizado foi o CBCL- *Child Behavior Checklist* (Achenback, 1991-2001), seguido da Escala de Agressividade para Crianças e Jovens (Sisto & Basi, 2000). Enfatizam que a maior parte dos estudos não trazem informações sobre propriedades psicométricas do instrumento, menos ainda novas análises que permitam a verificação de adequação da medida para novas amostras. As autoras concluem reafirmando a existência de poucos estudos sobre agressividade na literatura nacional.

A escassez se apresenta ainda maior quando se busca instrumentos que avaliem o comportamento agressivo de jovens e adultos, e foi neste sentido que Sisto, et al. (2005) buscaram verificar a existência de critérios que pudessem caracterizar pessoas mais agressivas em relação ao gênero. A construção dos itens do instrumento para captar a agressividade em universitários teve como base as condutas mais relevantes descritas do CID-10 e DSM-IV, quanto aos transtornos de conduta e inicialmente foram elaborados 151 itens, na forma de frases assertivas, que foram submetidos à análise de conteúdo, resultando em um instrumento com 81 itens, para os quais o participante da pesquisa deveria informar sobre sua ocorrência, respondendo se nunca, às vezes ou sempre. Participaram do estudo 180 universitários, dos cursos de Engenharia e Psicologia, de ambos os sexos, 58,8% mulheres e 41,2% homens, com idades entre 19 e 25 anos. Alguns exemplos dos itens desta escala são: Altero a voz quando não sou atendido ou entendido; Falo dos outros pelas

costas; Gosto de bater em animais; Faço chantagem para atingir meu objetivo. Concluíram que existem condutas mais tipicamente masculinas, mais tipicamente feminina e comum a ambos os sexos, porém, enfatizaram que a questão não recai sobre discutir se homens são mais agressivos que mulheres e sim que existem tipos característicos de agressividade masculina e feminina, e que futuros estudos poderão influir no entendimento e controle de tal comportamento.

Sisto, et al. (2008a), buscaram evidência de validade de construto relacionada ao funcionamento dos itens para diferenciar sexos utilizando a escala criada por Sisto, et al. (2005). Contaram com a participação de 445 universitários dos cursos de Engenharia, Computação e Psicologia, com idades entre 18 e 65 anos, de ambos os sexos, sendo 57,2% mulheres. Os 81 itens do instrumento foram analisados por meio do modelo Rasch. Vinte e oito itens apresentaram funcionamento diferencial, sendo 15 condutas mais características de pessoas do sexo feminino e outras 13 mais características do sexo masculino. Os índices de precisão foram de 0,99 para os itens e 0,86 para as pessoas. Concluiu-se que a agressividade pode ser medida separadamente em razão do sexo.

Posteriormente, Sisto, et al. (2008b) objetivaram analisar fatorialmente dois instrumentos para mensurar agressividade. Para a construção dos instrumentos, foi utilizado o estudo relatado anteriormente, em que os itens sem DIF fizeram parte de ambas as escalas, acrescidos dos mais comuns aos homens, no caso da escala masculina (59 itens) e dos mais comuns às mulheres, no caso da escala feminina (66 itens). Houve participação de 445 estudantes universitários, de ambos os sexos, de cursos de Engenharia e Psicologia, com idades entre 18 e 65 anos. O estudo fatorial foi realizado separadamente por sexo, por meio de análise por componentes principais, com rotação Varimax. Na escala feminina foram encontrados três fatores, F1. Irritabilidade ( $\alpha=0,80$ ), F2. Condutas Manipuladoras

( $\alpha=0,70$ ) e F3. Condutas Antissociais ( $\alpha=0,69$ ) e na masculina quatro fatores, sendo F1. Condutas Anti-sociais ( $\alpha=0,78$ ) e F2. Irresponsabilidade ( $\alpha=0,77$ ), F3. Condutas Manipuladoras ( $\alpha=0,65$ ) e F4. Inescrupulosidade ( $\alpha=0,59$ ). Os índices de consistência interna foram considerados dentro dos parâmetros usuais e aceitos, indicando que as escalas apresentaram características psicométricas básicas para uso em pesquisa.

Bustamante e Sisto (2012), utilizando a EATA, avaliaram a tendência à agressividade em universitários e compararam os escores com a amostra normativa do instrumento, verificando também diferenças entre gênero, curso e faixa etária. Participaram do estudo 251 universitários dos cursos de Engenharia e Psicologia de uma Universidade de São Paulo, com idades entre 18 e 50 anos. Os resultados evidenciaram que os participantes da pesquisa apresentaram menos tendência a agressividade que os da amostra normativa. Em todo o estudo os homens apresentaram médias mais altas. Dentre eles, os alunos do curso de engenharia se destacaram com maior tendência à agressividade. Verificou-se que os estudantes mais novos apresentaram escores significativamente mais altos.

Dentre os poucos estudos com instrumentos de avaliação além da EATA, que mensurassem a agressividade em universitários, encontra-se o estudo de Gouveia, Chaves, Peregrino, Branco e Gonçalves (2008), que objetivou adaptar para o contexto brasileiro o Questionário de Agressão de Buss-Perry – BPAQ (Buss & Perry, 1992), reunindo evidências de sua validade de construto. Com a participação de 308 estudantes de João Pessoa, sendo 155 universitários e 153 do Ensino Médio, com idade média de 18,8 anos, e a maioria do sexo feminino (65,9%). Foram utilizados quatro instrumentos, sendo, Escala de Identificação Grupal, Questionário dos Valores Básicos, Questionário de Justificação da Violência e BPAQ (Buss & Perry, 1992). Este último foi elaborado originalmente em língua inglesa, compondo-se de 29 itens que, teoricamente, avaliam a agressão em quatro

dimensões, a saber: agressão física, agressão verbal, raiva, e hostilidade. Os resultados demonstraram que, embora tenham emergido apenas dois fatores na Análise Fatorial Exploratória, uma Análise Fatorial Confirmatória corroborou a estrutura teórica desta medida, definida por quatro fatores de primeira ordem denominados raiva ( $\alpha = 0,71$ ), hostilidade ( $\alpha = 0,62$ ), agressão verbal ( $\alpha = 0,52$ ) e agressão física ( $\alpha = 0,65$ ), e um de segunda ordem nomeado como agressão ( $\alpha = 0,81$ ). As pontuações dos homens não diferiram daquelas das mulheres na maioria dos fatores de agressão, excetuando na sua dimensão afetiva, a raiva, em que estas apresentaram maiores pontuações. Os pesquisadores supõe que este dado talvez indique uma perspectiva mais aberta e assertiva da mulher que estuda, que passa a impor seus direitos e a se posicionar nos seus relacionamentos sociais.

Oliveira, Chamon e Mauricio (2010) em um estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo, estudaram as representações sociais da violência, contando com 20 universitários das áreas exatas, humanas e biológicas, com média de idade de 21,6 anos. Utilizaram de vinte entrevistas semiestruturadas, que foram analisadas qualitativamente com auxílio do *software* Alceste. Os resultados apontaram duas classes de representação da violência: Perspectiva social e política e Perspectiva Familiar. O grupo que se voltou para a perspectiva familiar representou a agressividade como fruto do desequilíbrio da família e de sua baixa qualidade de vida, que se intensifica com os problemas sociais. Nesse grupo misturaram todos os cursos, não sendo exclusivo de nenhuma área acadêmica. Conclui-se que as representações sociais dos estudantes sugerem uma apropriação do saber científico, havendo proximidade de raciocínio entre os estudantes da mesma área.

A avaliação psicológica é uma das mais importantes competências profissionais do psicólogo, que utiliza de diversas técnicas para o entendimento do comportamento

psicológico de pessoas e grupos (Tavares, 2003). O processo de validação é constituído por um conjunto de evidências que possam assegurar cientificamente as interpretações dos escores do teste (Urbina, 2007). Neste sentido, a busca de evidências de validade baseadas na estrutura interna é focada na relação entre o teste e seus itens. Mostram que por meio de análises estatísticas é possível identificar a contribuição de cada item no resultado total do teste e se são adequados para a avaliação do domínio que se quer medir. Envolve a verificação da coesão entre a estrutura prevista com a observada, ou seja, busca indicar o quanto a estrutura de relações entre os itens e os fatores são coerentes com a estrutura proposta pela teoria. Estes estudos podem ser feitos por métodos tradicionais de análise fatorial exploratória e também por meio de análise fatorial confirmatória (Primi, Muniz & Nunes, 2009), como será apresentado no presente estudo, que objetiva buscar evidências de validade para a Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade - EATA, por meio da análise da estrutura interna dos itens, com a Análise Fatorial Confirmatória e a Análise Fatorial Exploratória.

## **MÉTODOS**

### **Participantes**

Participaram do estudo 480 estudantes universitários de uma Universidade particular no Sul de Minas Gerais, de oito cursos das áreas de Ciências Humanas (41,2%), Ciências Biológicas (41,2%) e Ciências Exatas (17,5%), sendo a maioria (67,5%) do sexo feminino. A idade dos participantes variou de 18 a 55 anos, com média de 26 anos e moda de 22 anos (DP= 6,31).

## **Instrumentos**

Foram utilizados dois instrumentos, sendo, uma Ficha de Caracterização da amostra e o EATA - Escala para Avaliação da Tendência à Agressividade.

### **Ficha de Caracterização**

A Ficha de Caracterização da amostra criada pela pesquisadora contendo questões que abordam dados de identificação pessoal, profissional e social.

### **EATA – Escala para Avaliação da Tendência à Agressividade**

A Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade foi elaborada por Sisto (2005) com base nas descrições de transtornos de conduta do CID-10 (Organização Mundial de Saúde [OMS], 1993) e do DSM-IV (APA, 1995), e engloba 40 questões relacionadas a condutas agressivas. As respostas dadas a cada item informam sobre a tendência de uma pessoa e sua maior ou menor possibilidade de manifestar agressividade, zero (0) se achar que manifesta esta conduta raramente ou nunca, o um (1), se às vezes se comportar desta maneira e o dois (2) se achar que é muito frequente.

A EATA não fornece uma medida unidimensional. Ela possui três dimensões e fornece uma quarta medida. A Subescala A, com 10 itens, tem como núcleo condutas que são comuns a ambos os sexos, a Subescala B, com 14 itens, possui como núcleo as condutas mais comuns ao sexo feminino e, por fim, a Subescala C, com 16 itens, engloba conteúdos que são mais comuns a pessoas do sexo masculino. Como os itens de cada subescala são independentes, é possível se ter mais dois tipos de informação. Um deles se refere à pontuação total da EATA e isso possibilita conhecer a situação do examinando frente a um grupo bem maior para efeitos de comparação. Outra informação possível

concerne ao perfil ou tipo de pessoa. Essa informação é produto da combinação das subescalas. Para isso, identifica-se o nível de agressividade da pessoa e se classifica a pessoa conforme seu tipo.

A precisão da EATA foi fornecida com base nos estudos das subescalas A, B e C e para o teste como um todo. Os coeficientes computados foram: Alfa de *Cronbach* de 0,94; *Spearman-Brown* de 0,93 e *Guttman* de 0,93 e Modelo *Rasch* de 0,87. Além disso, para testar a consistência interna dos itens constatou-se que a retirada de qualquer item não modificaria o coeficiente já determinado. Os estudos de evidência de validade demonstraram que o instrumento apresenta bons critérios de validade, com alfa de *Cronbach* de 0,85, demonstrando boa precisão.

### **Procedimentos**

Inicialmente foi obtida a autorização dos responsáveis pela universidade para composição da amostra. Em seguida, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, protocolo CAAE: 0326.0.142.000-11. Foram então agendados, com os professores e alunos, os dias e horários para aplicação dos instrumentos. A abordagem dos participantes da pesquisa foi feita em sala de aula, quando se explicou os objetivos e procedimentos do trabalho. Os estudantes que concordaram em fazer parte do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam respectivamente à Ficha de Caracterização e à EATA. O tempo médio de aplicação foi de 15 minutos.

### **Análise de Dados**

A análise estatística foi realizada com base nos programas: EQS 6.1 (*Structural Equation Modeling Software*) e SPSS 20.0. (*Statistical Package for Social Sciences for Windows*). Utilizou-se da Análise Fatorial Confirmatória para os dados do EATA com vistas a busca de Evidências de Validade baseada na Estrutura Interna e para a Precisão usou-se o coeficiente *Alpha de Cronbach, Sperman Brown e Gutman*. Em função dos resultados apresentados na Análise Fatorial Confirmatória procedeu-se a Análise Fatorial Exploratória do instrumento.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados serão apresentados procurando responder a Análise Confirmatória e Análise Exploratória da Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade – EATA e precisão.

### **Análise Fatorial Confirmatória**

Os itens inicialmente foram avaliados com estatísticas descritivas. As Curtoses encontradas variaram de -1,014 a 190,627, indicando pouca variabilidade de respostas. Principalmente os itens 4, 5, 6, 13, 14, 17, 18, 20, 21, 25, 26, 28, 39 e 40 apresentaram curtoses acima de 10,788, discriminando pouco as respostas dos participantes.

Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória, com o Programa EQS 6.1, usando o método de estimação *Maximum Likelihood*, para buscar evidência de validade para a EATA, em uma amostra de universitários. Vale observar que os estudos originais também utilizaram amostras de universitários.

O modelo testado não indicou índices de ajuste apropriados, verificou-se  $\chi^2(737)=1996,87$ ,  $p<0,001$ ; CFI=0,69; RMSEA=0,60. Estes resultados indicam que a

EATA original não é apropriada para o conjunto de dados observados, ou seja, o modelo testado não se sustenta empiricamente neste estudo. Sendo assim, decidiu-se por fazer uma Análise Exploratória com vistas a analisar a estrutura interna para a amostra em questão.

### **Análise Fatorial Exploratória**

Com intuito de explorar a estrutura interna do instrumento, aplicou-se aos dados coletados uma análise fatorial por componente principal, rotação promax e eigenvalue ou autovalor  $\geq 1$ . Para verificar a adequação dos dados à análise fatorial usou-se a medida de adequação da amostra de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), cujo resultado foi de 0,860 ao nível de significância de  $p = 0,000$ , indicando que os dados estavam apropriados para fatoração. E o teste de esfericidade de Bartlett forneceu um  $\chi^2 = 6100,152$ , e  $p = 0,000$ , resultado esse que referendou o anterior.

A tomada de decisão sobre o número de fatores foi realizada após a observação do critério *scree plot* que apontou para uma estrutura com 3 fatores, conforme Figura 1. Para a retenção do item no fator atribuiu-se carga fatorial igual ou superior a 0,30. Analisaram-se assim as características dos itens em cada um dos fatores após a rotação dos dados na análise fatorial.

Com base na análise do *Scree Plot* percebe-se claramente 3 fatores, revelando uma estrutura semelhante à da escala original. Procedeu-se primeiramente à análise com extração de itens com valor  $> 0,30$ , como apresentada na Tabela 1.

Tabela 1.

*Análise Fatorial Exploratória com extração de itens com valor > 0,30.*

	Fatores		
	I	II	III
Provoco os outros lembrando falhas que cometeram	0,642		
Aumento uma informação para provocar sentimento de culpa nos outros	0,639		
Altero o tom de voz quando não sou atendido ou entendido	0,579		
Gosto de controlar informações para os outros fazerem o que quero	0,568		
Quando sinto raiva tenho vontade de descontar em alguém	0,546		
Distorço ou amenizo uma informação que poderia me trazer prejuízos	0,545		
Quando faço algo errado, disfarço ou saio para não perceberem que fui eu	0,530		
Quando encontro com a turma sempre tenho uma fofoca para contar	0,512		
Cometo erros passados mesmo sabendo do dano causado	0,501		
Sinto vontade de fazer coisas independentemente das normas	0,462	0,342	
Quando não gosto de alguém, sinto vontade de criar uma situação para desafiá-lo	0,443		
Falo dos outros pelas costas	0,442		
Culpo outra pessoa por coisas que fiz	0,405		
Gosto de mostrar meus conhecimentos	0,396		
Ponho apelidos maldosos em pessoas	0,391	0,316	
Quando quebro alguma coisa digo que foi outra pessoa	0,375		0,328
Gosto de incomodar os outros	0,365		
Gosto de brigar	0,361		
Durante uma conversa não deixo espaço para o outro se colocar	0,345		
Faço ultrapassagens em locais proibidos		0,814	
Gosto de correr com o carro		0,757	
Dirijo após ingestão de bebida alcoólica		0,649	
Tenho vontade de andar armado		0,575	
Descarrego extintores para brincar ou extravasar tensão		0,529	0,330
Se não tiver perigo de ser visto, entro no cinema sem pagar		0,516	
Gosto de xavecar pessoas com menos de 18 anos		0,348	
Relato sentimentos não verdadeiros para iniciar um relacionamento sexual		0,348	
Deixo de alimentar meu animal de estimação para puni-lo			0,684
Gosto de bater em placas de trânsito			0,570
Xingo pessoas por não querer ter relações sexuais comigo			0,568
Gosto de bater em animais			0,550
Gosto de brincar de empurrar ou provocar quedas para causar constrangimento			0,518
Quebro e/ou arranco plantas de jardins			0,495
Ameaço contar “segredos” da pessoa para forçá-la a fazer algo			0,476
Utilizo o nome de alguém para conseguir benefícios sem seu conhecimento			0,445
Gosto de deixar as pessoas com raiva de mim			0,338
Estaciono o carro numa vaga para deficientes físicos			0,304
Método de Análise de Componentes Principais			
Método de Rotação Promax			

Pela análise exploratória para extração dos itens com peso fatorial > 0,30, observa-se que 4 itens obtiveram carga em mais que um fator, quais sejam, no Fator I, os itens 23 e 27 tiveram carga fatorial também no Fator II, e o item 39 além do Fator I também no Fator III. No Fator II, apenas o item 18 obteve carga fatorial distribuída também no Fator III. Os

itens 1 (Ao cometer um erro mostro indiferença), 8 (Quando não gosto de alguém sinto vontade de esconder a verdade para prejudicá-lo) e 13 (Traso sem preservativo com diferentes parceiros) não apresentaram carga fatorial acima de 0,30 e foram eliminados.

Após a configuração dos 3 fatores, calculou-se o coeficiente de precisão para cada fator. A escala passou a ter 37 itens, ficando o Fator I com 19 itens e alfa de *Cronbach* 0,83; o Fator II com 8 itens e alfa de *Cronbach* 0,76 e o Fator III com 10 itens e alfa de *Cronbach* 0,69. Ainda para verificar se cada item se mantinha comum às subescalas de itens comuns a ambos os sexos, sexo feminino e sexo masculino, achou-se por bem submetê-los a análise do teste *t* conforme preconiza a Teoria Clássica dos Testes.

Tabela 2

*Itens no teste t que referendam maior pontuação ao sexo feminino*

Itens	sexo do participante	N	Média	DP	Sig. (p)
Falo dos outros pelas costas	masculino	156	0,45	0,54	0,01
	feminino	324	0,58	0,54	
Durante uma conversa não deixo espaço para o outro se colocar	masculino	156	0,13	0,38	0,04
	feminino	324	0,22	0,44	
Quando encontro com a turma sempre tenho uma fofoca para contar	masculino	156	0,34	0,54	0,001
	feminino	324	0,67	0,66	

Pelo teste *t*, foi verificado que os itens 3, 19 e 37 são itens nos quais as mulheres tenderam a pontuar mais que os homens. Sendo que no estudo original a subescala B era composta por 14 itens, inclusive estes três.

Tabela 3.

*Itens no teste t que referendam maior pontuação ao sexo masculino*

Itens	sexo do participante	N	Média	DP	Sig. (p)
Relato sentimentos não verdadeiros para iniciar um relacionamento sexual	masculino	156	0,44	0,60	0,001
	feminino	324	0,10	0,34	
Tenho vontade de andar armado	masculino	156	0,28	0,55	0,001
	feminino	324	0,09	0,34	
Descarrego extintores para brincar ou extravasar tensão	masculino	156	0,09	0,35	0,03
	feminino	324	0,02	0,17	
Gosto de correr com o carro	masculino	156	0,61	0,61	0,001
	feminino	324	0,24	0,50	
Ponho apelidos maldosos em pessoas	masculino	156	0,35	0,51	0,001
	feminino	324	0,23	0,48	
Se não tiver perigo de ser visto, entro no cinema sem pagar	masculino	156	0,24	0,54	0,001
	feminino	324	0,07	0,32	
Dirijo após ingestão de bebida alcoólica	masculino	156	0,41	0,60	0,001
	feminino	324	0,15	0,40	
Faço ultrapassagens em locais proibidos	masculino	156	0,42	0,57	0,001
	feminino	324	0,09	0,33	
Gosto de controlar informações para os outros fazerem o que quero	masculino	156	0,29	0,55	0,03
	feminino	324	0,19	0,44	
Gosto de xavecar pessoas com menos de 18 anos	masculino	156	0,26	0,51	0,001
	feminino	324	0,06	0,26	

Os itens 11, 12, 18, 22, 23, 26, 30, 32, 34 e 36 foram itens mais comumente pontuados pelos homens. Na escala original a Subescala C, com itens mais comumente masculinos era composta por 16 itens, incluindo estes apresentados na Tabela 3, com exceção do item 34, que no estudo original era um item da subescala B, mais pertinente ao sexo feminino.

Com base nesses resultados e em função de alguns itens apresentarem carga fatorial em dois fatores, pensou-se em uma nova Análise Fatorial exigindo uma carga fatorial  $>0,35$ , para verificar a possibilidade de obter fatores mais definidos (Tabela 4)

Tabela 4

*Análise Fatorial Exploratória com extração de itens com carga fatorial >0,35.*

	Fatores		
	I	II	III
Provoco os outros relembrando falhas que cometeram	0,642		
Aumento uma informação para provocar sentimento de culpa nos outros	0,639		
Altero o tom de voz quando não sou atendido ou entendido	0,579		
Gosto de controlar informações para os outros fazerem o que quero	0,568		
Quando sinto raiva tenho vontade de descontar em alguém	0,546		
Distorço ou amenizo uma informação que poderia me trazer prejuízos	0,545		
Quando faço algo errado, disfarço ou saio para não perceberem que fui eu	0,530		
Quando encontro com a turma sempre tenho uma fofoca para contar	0,512		
Cometo erros passados mesmo sabendo do dano causado	0,501		
Sinto vontade de fazer coisas independentemente das normas	0,462		
Quando não gosto de alguém, sinto vontade de criar uma situação para desafiá-lo	0,443		
Falo dos outros pelas costas	0,442		
Culpo outra pessoa por coisas que fiz	0,405		
Gosto de mostrar meus conhecimentos	0,396		
Ponho apelidos maldosos em pessoas	0,391		
Quando quebro alguma coisa digo que foi outra pessoa	0,375		
Gosto de incomodar os outros	0,365		
Gosto de brigar	0,361		
Faço ultrapassagens em locais proibidos		0,814	
Gosto de correr com o carro		0,757	
Dirijo após ingestão de bebida alcoólica		0,649	
Tenho vontade de andar armado		0,575	
Descarrego extintores para brincar ou extravasar tensão		0,529	
Se não tiver perigo de ser visto, entro no cinema sem pagar		0,516	
Deixo de alimentar meu animal de estimação para puni-lo			0,684
Gosto de bater em placas de trânsito			0,570
Xingo pessoas por não querer ter relações sexuais comigo			0,568
Gosto de bater em animais			0,550
Gosto de brincar de empurrar ou provocar quedas para causar constrangimento			0,518
Quebro e/ou arranco plantas de jardins			0,495
Ameaço contar “segredos” da pessoa para forçá-la a fazer algo			0,476
Utilizo o nome de alguém para conseguir benefícios sem seu conhecimento			0,445
Método de Análise de Componentes Principais			
Método de Rotação Promax			

Os resultados obtidos pela Análise Fatorial Exploratória para extração dos itens com peso fatorial > 0,35 mostraram uma estrutura fatorial diferente da proposta inicialmente por Sisto (2012). Os itens 1, 6, 8, 11, 13, 19, 20 e 36 não apresentaram carga fatorial igual ou maior que 0,35, tendo ficado a escala com 32 itens.

O Fator I (18 itens) reuniu itens que no estudo normativo do EATA eram do núcleo de respostas predominantemente femininas. Com a nova configuração quatro itens que eram relacionados a ambos os sexos, subescala A, passaram a compor este fator, sendo eles de números 7, 27, 38 e 39. Também passaram a fazer parte deste fator os itens 23 e 35 que eram anteriormente da subescala C ou núcleo de condutas predominantemente masculinas. O Fator II ( 6 itens) agrupou itens que pertenciam inicialmente à subescala C relacionada a condutas mais masculinas, sendo estes os itens de números 12, 18, 22, 26, 30 e 32 . O Fator III (8 itens) agrupou itens da subescala A (4, 25, 28 e 40) e da subescala C ( 5, 14, 17 e 21) do estudo inicial do EATA.

Pode-se perceber pelos itens agrupados nesta nova configuração da Escala, que alguns itens mais comuns ao sexo masculino, se mantiveram agrupados no Fator II, porém, no Fator I agruparam-se itens das 3 subescalas e o Fator III ficou com 50% de itens da subescala A e 50% da subescala C. Mesmo não havendo itens com carga fatorial em mais de um fator, como ocorreu na análise com carga fatorial  $>0,30$ , a configuração ficou bastante diferente da original.

Vale lembrar que em estudo preliminar para a construção da EATA Sisto, et al. (2008b) dividiram a escala feminina em três, sendo Irritabilidade, Condutas Manipuladoras e Condutas Antissociais, e a masculina em Condutas antissociais, Condutas Manipuladoras, Irresponsabilidade e Inescrupulosidade. Já Gouveia et al. (2008), em estudo utilizando outro instrumento, o Buss-Perry, dividiram e nomearam os fatores do questionário como Raiva, Hostilidade, Agressão Verbal e Agressão Física. Da forma como ficaram agrupados os itens da EATA após Análise Exploratória com carga Fatorial  $> 0,35$ , o Fator I inclui itens relacionados à agressividade verbal, como, “Distorço ou amenizo uma informação que poderia me trazer prejuízos”, “Aumento uma informação para provocar sentimento de culpa

nos outros”, “Gosto de controlar informações para os outros fazerem o que quero” e também itens que se referem a hostilidade, como, “Gosto de incomodar os outros”, “Sinto vontade de fazer coisas independentemente das normas” e “Quando não gosto de alguém, sinto vontade de criar uma situação para desafiá-lo”.

O Fator II agrupou itens correspondentes a condutas antissociais e quebra de regras, como “Faço ultrapassagens em locais proibidos”, “Gosto de correr com o carro” e “Dirijo após ingestão de bebida alcoólica”. O Fator III reuniu itens mais relacionados a raiva e a agressão física, como “Gosto de bater em animais”, “Gosto de brincar de empurrar ou provocar quedas para causar constrangimento”, “Gosto de bater em placas de trânsito”.

Os itens eliminados da escala neste estudo, “Ao cometer um erro mostro indiferença”, “Quando não gosto de alguém sinto vontade de esconder a verdade para prejudicá-lo”, “Relato sentimentos não verdadeiros para iniciar um relacionamento sexual”, “Tranco sem preservativo com diferentes parceiros”, “Durante uma conversa não deixo espaço para o outro se colocar”, “Estaciono o carro numa vaga para deficientes físicos”, “Gosto de xavecar pessoas com menos de 18 anos” não apresentaram carga fatorial maior que 0,35 o que indica que para os participantes desta pesquisa estes itens não se relacionaram a tendência à agressividade como os demais. Ressaltando que nos estudos iniciais do EATA estes itens se relacionavam às três subescalas ou seja evidenciavam tendências a agressividade tanto do núcleo de respostas mais femininas (2 itens) quanto masculinas (3 itens) e também relacionadas aos dois sexos (2 itens).

Ainda para verificar se os itens que ficaram se mantinham como comuns a ambos os sexos, ao sexo feminino ou ao sexo masculino, procedeu-se a análise do teste *t*, apresentado nas Tabelas 5 e 6.

Tabela 5

*Itens no teste t que referendam maior pontuação ao sexo feminino*

	sexo do participante	N	Média	DP	Sig (p)
Quando encontro com a turma sempre tenho uma fofoca para contar	masculino	156	0,34	0,54	0,001
	feminino	324	0,67	0,66	
Falo dos outros pelas costas	masculino	156	0,45	0,54	0,01
	feminino	324	0,58	0,55	

Pelo teste *t*, foi verificado que os itens 3 e 37 são itens nos quais as mulheres tenderam a pontuar mais que os homens. Sendo que no estudo original a subescala B (itens mais comuns ao sexo feminino) era composta por 14 itens, inclusive estes dois. Nesta nova configuração da escala estes itens compõe o Fator I, e caracterizam ações de agressividade verbal.

Tabela 6

*Itens no teste t que referendam maior pontuação ao sexo masculino*

	sexo do participante	N	Média	DP	Sig (p)
Gosto de controlar informações para os outros fazerem o que quero	masculino	156	0,29	0,55	0,03
	feminino	324	0,19	0,44	
Ponho apelidos maldosos em pessoas	masculino	156	0,35	0,51	0,01
	feminino	324	0,23	0,48	
Faço ultrapassagens em locais proibidos	masculino	156	0,42	0,57	0,001
	feminino	324	0,09	0,34	
Gosto de correr com o carro	masculino	156	0,61	0,61	0,001
	feminino	324	0,24	0,50	
Dirijo após ingestão de bebida alcoólica	masculino	156	0,41	0,60	0,001
	feminino	324	0,15	0,40	
Tenho vontade de andar armado	masculino	156	0,28	0,55	0,001
	feminino	324	0,09	0,34	
Descarrego extintores para brincar ou extravasar tensão	masculino	156	0,09	0,35	0,03
	feminino	324	0,02	0,17	
Se não tiver perigo de ser visto, entro no cinema sem pagar	masculino	156	0,24	0,54	0,001
	feminino	324	0,07	0,31	

Os itens 12, 18, 22, 23, 26, 30, 32 e 34 foram itens mais comumente pontuados pelos homens. Na escala original a Subescala C com itens mais comumente masculinos era composta por 16 itens, incluindo estes apresentados na Tabela 4, com exceção do item 34 (Gosto de controlar informações para os outros fazerem o que quero), que no original era um item da subescala B, mais pertinente ao sexo feminino. Quanto à nova configuração da escala, os itens apresentados na Tabela 7, como mais respondidos pelos homens fazem parte do Fator II, composto por ações relacionadas a condutas antissociais e quebra de regras, com exceção do item 34 (Gosto de controlar informações para os outros fazerem o que quero) e do 23 (Ponho apelidos maldosos em pessoas) que aparecem como parte do Fator I, caracterizando agressividade verbal.

De acordo com Sisto (2005), a questão não é saber quem é mais ou menos agressivo, dentre homens e mulheres, e sim se há tipos de condutas agressivas mais comuns a cada um deles. Neste sentido os resultados encontrados corroboram parcialmente os achados de Sisto (2005), Sisto et al. (2005), Sisto et al. (2008a) pois não podemos afirmar quais os tipos de ações agressivas são mais comuns para as mulheres, já quanto aos homens, os resultados indicam que eles tendem mais a infringir regras, como beber e dirigir, dirigir em alta velocidade, fazer ultrapassagens em locais proibidos ou andar armado.

### **Precisão**

A Precisão ou confiabilidade dos itens foi calculada para o EATA utilizando-se os métodos pelo coeficiente alfa de *Cronbach*, o método das metades de *Spearman-Brown* e *Gutman*. Os índices de precisão são apresentados na Tabela 7 para os fatores I, II e III.

Tabela 7

*Precisão dos itens da EATA por fator*

Fator	Numero de Itens	Alfa de <i>Cronbach</i>	<i>Sperman Braun</i>	<i>Gutman</i>
I	18	0,83	0,81	0,80
II	6	0,75	0,69	0,65
II	8	0,68	0,66	0,65

O Fator I referente a Agressividade Verbal e Hostilidade, composto por 18 itens, atingiu índices de 0,83 para Alfa de *Cronbach*, 0,81 método das metades de *Spearman-Brown* e 0,80, sugerindo homogeneidade alta para ambas as técnicas utilizadas. Para o Fator II, Condutas antissociais e Quebra de Regras Sociais, os índices de precisão para Alfa de *Cronbach* foi 0,75, *Spearman-Brown* 0,69 e *Gutman* 0,65, o que mostra boa consistência destes fatores. Os índices de precisão para o Fator III – Raiva e Agressão Física, composto por 8 itens, atingiram para o Alfa de *Cronbach* 0,68, *Spearman-Brown* 0,66 e *Gutman* 0,65. Todos índices aceitos pela Comissão Consultiva com base na resolução CFP 002/2003.

## CONSIDERAÇÕES

Este estudo foi proposto para verificação da adequação da estrutura interna da EATA, ou seja, investigar por meio de Análise Fatorial se os três fatores e a divisão dos itens da EATA em estudo original (Sisto, 2012) seria confirmado para a população ora estudada. Não tendo sido confirmada a estrutura original da escala pela Análise Fatorial Confirmatória, efetuaram-se Análises Fatoriais Exploratórias para buscar um formato mais apropriado à amostra.

As análises fatoriais demonstraram que para a EATA (Sisto, 2012) a composição em três fatores é apropriada, porém para a população que compôs o presente estudo a estrutura destes fatores se apresentou diferente da original.

Considerando o conteúdo dos itens, o Fator I agregou ideias de “agressividade verbal e hostilidade” na interação com outras pessoas, além do uso de comportamento dissimulado, indicando indivíduos que tendem a usar da agressividade para se impor e conseguir vantagens. No Fator II os itens se relacionaram especificamente a “condutas antissociais”, quebra de regras sociais e infrações. Já o Fator III apresentou itens relacionados à “raiva e agressões físicas”, perfil de pessoas mais temperamentais, raivosas, com condutas impulsivas.

Destaca-se a importância de outros estudos com diferentes tipos de validade, com diversas outras variáveis, em diferentes culturas e em diferentes contextos, tanto para a EATA, quanto para o formato da EATA apresentado no presente estudo, que sugere-se nomear de EATA- Novo Estudo.

## **REFERÊNCIAS**

- American Psychiatric Association - APA. (2014). *Manual Diagnóstico e estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V*, 5ª ed. Tradução Maria Inês Corrêa nascimento, et al. Revisão Técnica: Aristides Volpato Cardiolli, et al.; Porto Alegre: Artmed.
- Borsa, J. C. & Bandeira, D. R. (2011). Uso de instrumentos psicológicos de avaliação do comportamento agressivo infantil: Análise da produção científica brasileira. *Avaliação Psicológica*, 10(2), 193-203.

- Buss, A. H., & Perry, M. P. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459.
- Bustamante M. I. & Sisto F. F., (2012). Avaliação da tendência à agressividade em universitários. *Atas do II Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”* Org. Almeida, Silva & Franco. Ed. Centro de Investigação em Educação (CIED), Universidade Minho, Portugal. Disponível em:  
<http://webs.ie.uminho.pt/iisicpce/atas.pdf>
- Candрева, T., Cassiane, V., Ruy, M. P., Thomazini, L., Cestari, H. F. & Prodóximo, E. (2009). A Agressividade na Educação Infantil: o jogo como forma de intervenção. *Revista Pensar a Prática*, 12(1).
- Carlini-Cotrim, B. C., Gazal-Carvalho, C. & Gouveia, N. (2000). Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. *Rev Saúde Pública*; 34(6): 636-645.
- Coie, J. D., Terry, R., Lenox, K., Lochman, J. & Hyman, C. (1996). Childhood peer rejection and aggression as predictors of stable patterns of adolescent disorder. *Development and Psychopathology*, 7, 697-713.
- Farias Jr. J. C. & Lopes A. S. (2004). Comportamentos de risco relacionados à saúde em adolescentes. *R. bras. Ci e Mov.* 12(1): 7-12.
- Ferreira, A. S. M. A. (2011). O Papel da Personalidade no Comportamento Agressivo: da Teoria à Avaliação (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia Universidade de Lisboa. Disponível:  
[Http://Repositorio.Ul.Pt/Bitstream/10451/5099/1/Ulfpie039688\\_Tm.Pdf](Http://Repositorio.Ul.Pt/Bitstream/10451/5099/1/Ulfpie039688_Tm.Pdf)

- Gouveia, V. V., Chaves, C. M. C. M., Peregrino, R. R., Castello Branco, A. O. & Gonçalves, M. P. (2008). Medindo a agressão: o Questionário de Buss-Perry. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(3) 92-103.
- Joly, M. C. R., Dias, A. S. & Marini, J. A. S. (2009). Avaliação da agressividade na família e na escola de ensino fundamental. *Psico-USF*, Universidade São Francisco. Itatiba, SP. 14(1), 83-93.
- Leme, M. I. S. (2004). Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3) 367-380.
- Lisboa, C. S. M. & Koller, S. H. (2001). Construção e validação de conteúdo de uma escala de percepção, por professores, dos comportamentos agressivos de crianças na escola. *Psicologia em Estudo*, 6 (1) Maringá jan./jun.
- Moreira, A. C. G.; Vilhena, J. de; Cruz, A. T. de A. & Novaes, J. de V. (2009). Quem tem medo do lobo Mau? Juventude, Agressividade e Violência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(4), São Paulo.
- Oliveira, A. L., Chamon, E. M. O. Q. & Mauricio, A. G. C. (2010). Representação social da violência: estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo. *Educar em Revista*, (36), 261-274.
- Primi, R., Muniz, M., & Nunes, C. H. S. S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. Em C. S. Hutz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 243-265). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Prinstein, M. J., & Cillessen, A. H. (2003). Forms and functions of adolescent peer aggression associated with high levels of peer status. *Merrill-Palmer Quarterly* (1982-), 310-342.
- Silva, D. R. (2006) *Agressividade em crianças: um estudo em contexto educacional pré-*

- escolar*. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Sisto, F. F. (2005). Aceitação-rejeição para estudar a agressividade nas escolas. *Psicologia e Estudos*, 10(1), 117-125.
- Sisto, F. F. (2008). *Escala de Agressividade masculina e feminina*. Relatório Técnico, Universidade São Francisco.
- Sisto, F. F. (2012). Manual da Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sisto, F. F. & Oliveira, A. F. (2007). Traços de Personalidade e Agressividade: um estudo de evidência de validade. *PSIC- Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 8(1), 89-99.
- Sisto, F. F.; Bartholomeu, D.; Rueda, F. J. M. & Granado, J. I. (2005). Condutas agressivas e gênero: uma questão de estilo de agressividade. In: Joly, M. C. R. A.; Santos, A. A. A.; Sisto, F. F. (Orgs.). *Questões do Cotidiano Universitário*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sisto, F. F.; Bartholomeu, D.; Santos, A. A. A.; Rueda, F. J. M. & Suehiro, A. C. B. (2008a). Funcionamento Diferencial de Itens para Avaliar a Agressividade de Universitários. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. 21(3), 474-481.
- Sisto, F. F., Bartholomeu, D., Santos, A. A. A., Rueda, F. J. M. & Suehiro, A. C. B. (2008b). Estudo preliminar para a construção de uma escala de agressividade para universitários. *Aletheia*, 28, 77-90, jul./dez.
- Sposito, M. P. (2001). Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*, 27(1) São Paulo Jan./June .
- Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Psico-USF*, 8, 125-136.
- Urbina S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.

## ARTIGO 3

**TENDÊNCIA À AGRESSIVIDADE: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE COM BASE NAS RELAÇÕES COM OUTRAS VARIÁVEIS.**

**TENDENCY TOWARDS AGGRESSIVENESS: EVIDENCE OF VALIDITY BASED ON RELATIONSHIPS WITH OTHER VARIABLES.**

**TENDENCIA A LA AGRESIVIDAD: EVIDENCIAS DE VALIDEZ BASADO EN LAS RELACIONES CON OTRAS VARIABLES.**

Maria Inês Bustamante (1), Universidade São Francisco, Itatiba  
Cláudio Garcia Capitão (2), Universidade São Francisco, Itatiba

Sobre os autores:

1. Psicóloga, Mestre em Ciências da Saúde pela UNIFESP. Docente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Sapucaí.

E-mail: minesbustamante@yahoo.com.br

2. Psicólogo, Especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar, Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.

E-mail: cgcapitao@uol.com.br

End.: Av. Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – CEP 13251-900 – Itatiba/SP – Brasil.

Fones: +55 (11) 4534-8046 | +55 (11) 4534-8046

### RESUMO

O comportamento agressivo é definido como uma ação intencional para machucar, ou irritar alguém, física ou emocionalmente ou produzir danos materiais, físicos ou psicológicos. O presente estudo objetivou buscar evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis entre a EATA (Escala para Avaliação da Tendência à Agressividade) - Novo Estudo, o IPSF (Inventário de Percepção de Suporte Familiar) e o WHOQOL-Bref (questionário de Qualidade de Vida da OMS). Participaram do estudo 480 universitários de cursos nas áreas de Ciências Humanas (41,2%), Ciências Biológicas (41,2%) e Ciências Exatas (17,5%), de uma Universidade do Sul de Minas Gerais. A idade dos participantes variou de 18 a 55 anos, com média de 24 anos (DP=6,31). Foram encontradas correlações significativas entre os três instrumentos. Entre a EATA – Novo Estudo e o IPSF, a Agressividade Verbal e Hostilidade apresentou correlação moderada com Fator Adaptação Familiar ( $r=0,30$ ,  $p<0,001$ ) e a EATA – Novo Estudo Total também com a Adaptação Familiar ( $r=0,29$ ,  $p<0,001$ ). Com o WHOQOL-Bref também foram encontradas correlações altamente significativas entre a EATA – Novo Estudo total e a dimensão Relações Sociais ( $r=-0,16$ ,  $p<0,001$ ), assim como entre Agressividade Verbal e Hostilidade e Relações Sociais ( $r=-0,16$ ,  $p<0,001$ ). Os resultados indicaram que os

construtos tendência à agressividade, percepção do suporte familiar e qualidade de vida estão parcialmente relacionados.

Palavras-chave: avaliação psicológica; agressividade; universitários; suporte familiar; qualidade de vida.

## ABSTRACT

The aggressive behavior is defined as an intentional action to hurt or irritate someone, physically or emotionally or produce material, physical or psychological damage. The aim of this study was to search for evidence of validity based on relations with other variables between the EATA (Scale for Assessing the tendency to Aggressiveness) - New Study, the IPSF (Inventory of Perception of Family Support) and the WHOQOL-Bref (Quality of Life questionnaire of the WHO). Study participants were 480 university students of courses in the areas of Human Sciences (41.2 %), Biological Sciences (41.2 %) and Exact Sciences (17.5 %), of a University in the South of Minas Gerais. The age of participants ranged from 18 to 55 years, with a mean of 24 years (SD=6.31). Significant correlations were found between the three instruments. Between the EATA - New Study and the IPSF, Verbal Aggressiveness and hostility showed moderate correlation with Family Adaptation Factor ( $r=0.30$ ,  $p<0.001$ ) and the EATA - New Study Total also with the Family Adaptation ( $r=0.29$ ,  $p<0.001$ ). With the WHOQOL-Bref were also found correlations were highly significant between the EATA - New Study total and size Social Relations ( $r=0.16$ ,  $p<0.001$ ), as well as between Verbal Aggressiveness and hostility and Social Relations ( $r=0.16$ ,  $p<0.001$ ). The results indicated that the constructs tendency to aggressiveness, perception of family support and quality of life are partially related.

Keywords: psychological assessment; aggressiveness; university students; family support; quality of life.

## RESUMEN

El comportamiento agresivo se define como un acto intencional para herir o molestar a alguien, física o emocionalmente o producir daños materiales, físicos o psicológicos. El presente estudio tuvo como objetivo reunir pruebas de validez basada en las relaciones con otras variables entre la EATA (Escala para la Evaluación de la Tendencia a la Agresividad) - Nuevo Estudio, el IPSF (Inventario de Percepción de Apoyo Familiar) y el WHOQOL-Bref (cuestionario de la Calidad de Vida de la OMS). Los participantes del estudio fueron 480 estudiantes universitarios de cursos en las áreas de Ciencias Humanas (41,2%), Ciencias Biológicas (41,2%) y Ciencias Exactas (17,5%), de la Universidad del Sur de Minas Gerais. La edad de los participantes osciló entre 18 a 55 años, con una media de 24 años (DE=6.31). Se encontraron correlaciones significativas entre los tres instrumentos. Entre la EATA - Nuevo Estudio y la IPSF, la Agresividad Verbal y Hostilidad mostraron correlación moderada con el Factor Adaptación Familiar ( $r=0,30$ ,  $p<0,001$ ) y la EATA -

Nuevo Estudio Total también con Adaptación Familiar ( $r=0,29$ ,  $p<0,001$ ). Con el WHOQOL-Bref también se encontraron correlaciones altamente significativas entre la EATA - Nuevo Estudio Total con Relaciones Sociales ( $r=-0.16$ ,  $p<0,001$ ), y lo mismo entre Agresividad Verbal y Hostilidad y las Relaciones Sociales ( $r=-0,16$ ,  $p<0,001$ ). Los resultados indicaron que los constructos tendencia hacia la agresividad, percepción de apoyo familiar y la calidad de vida se relacionan parcialmente.

Palabras clave: evaluación psicológica; agresividad; universitarios; apoyo familiar; calidad de vida.

## INTRODUÇÃO

A agressividade pode ser vista como uma energia positiva, que conduz o indivíduo na busca de soluções para seus problemas, atrelada à sobrevivência da espécie, porém, vem sendo objeto de estudo da psicologia principalmente quanto aos seus aspectos relacionados a ações hostis e destrutivas. As perspectivas inatistas entendem a agressão como um distúrbio da personalidade que evidencia instintos destrutivos, como reação impulsiva à dor, seja ela real ou imaginada, como reação a uma barreira imposta a algo desejado ou como forma de libertar tensão acumulada, uma reação catártica (Ribeiro & Sani, 2009).

Para Freud (1930/2010) agride-se ao outro para evitar que impulsos inatos de autodestruição se voltem contra si próprio. Lorenz (1973) no mesmo sentido entendeu o comportamento agressivo como uma energia instintiva universal que acumulada precisa ser descarregada. Hoje, acredita-se que experiências individuais interagem com o legado biológico (Ferreira, 2011). As teorias psicossociais veem a agressão como um comportamento aprendido por meio do reforço e da modelagem (Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008), uma resposta à frustração (Dolard et al. 1939, citado por Rodrigues, 1970); um resultado de déficits de processamento (Dodge & Coie, 1987) que levam à atribuição de intencionalidade negativa ao outro, e assim à ativação de *scripts*

condicionantes; uma escolha direcionada para recompensas, custos e probabilidades de resultados esperados. E ainda a personalidade somada a fatores situacionais fazem parte dos componentes explicativos da agressão, segundo Ribeiro e Sani (2009). A agressão é afinal um comportamento humano complexo e, por isso, é duvidoso que uma única teoria consiga por si própria aproximar-se da integração, ao demonstrar um grau de adequação suficiente para a diversidade de variáveis, processos explicativos e interações envolvidas.

Sisto (2012) definiu o comportamento agressivo como uma ação intencional para machucar, ou irritar alguém, física ou emocionalmente ou produzir danos materiais, físicos ou psicológicos. A intencionalidade do ato é imprescindível, pois um dano acidental não é considerado agressivo, porém por não haver uma forma de mensurar a intenção, esta tem sido inferida pela frequência dos comportamentos.

Pode-se dizer que vários fatores, como os demográficos, pessoais, socioculturais e ambientais, têm grande influência sobre o tipo de estratégias de enfrentamento mobilizado em cada circunstância específica. A idade e o sexo parecem fatores cruciais nestas interações segundo Piko (2001). Para a autora, as diferentes formas de reação ou de respostas podem emergir dos processos de socialização que contribuem para os estereótipos referentes aos sexos. Ela acrescenta ainda, que as diferenças nos estilos de resposta surgem no processo de socialização, na interação com a família, educadores e amigos, quando são internalizados os estereótipos referentes aos sexos, podendo direcionar a tendência masculina a agir com maior agressividade em situações nas quais as meninas tenderiam a não fazê-lo, buscando outras formas para resolver os problemas.

Na literatura pode-se encontrar resultados bastante variados quanto a diferenças de manifestações agressivas relacionadas ao sexo, existindo indicativos de que elas dependem do tipo de agressão. Nesse sentido, aparentemente, as agressões físicas são mais

características do sexo masculino, enquanto que as mulheres usam mais estratégias indiretas de agressão (Sisto, 2005; Sisto, Bartholomeu, Rueda, & Granado, 2005).

Os primeiros estudos para a construção de um instrumento de medida da tendência à agressividade em jovens e adultos, no Brasil, se desenvolveram neste sentido, ou seja, buscando verificar a existência de critérios que pudessem caracterizar pessoas mais agressivas em relação ao sexo. Sisto, et al. (2005) buscaram elaborar itens para um instrumento que verificasse a agressividade em universitários. Este estudo teve como base as condutas mais relevantes descritas do CID-10 e DSM-IV, quanto aos transtornos de conduta. Participaram do estudo 180 universitários, dos cursos de Engenharia e Psicologia, de ambos os sexos, 58,8% mulheres e 41,2% homens, com idades entre 19 e 25 anos. Os autores concluíram que existem condutas mais tipicamente masculinas, mais tipicamente feminina e comum a ambos os sexos, porém, enfatizaram que a questão não recai sobre discutir se homens são mais agressivos que mulheres e sim que existem tipos característicos de agressividade masculina e feminina, e que futuros estudos poderão influir no entendimento e controle de tal comportamento.

Sisto, Bartholomeu, Santos, Rueda e Suehiro (2008a), buscaram evidência de validade de construto relacionada ao funcionamento dos itens para diferenciar sexos utilizando a escala criada por Sisto et al. (2005). Contaram com a participação de 445 universitários dos cursos de Engenharia, Computação e Psicologia, com idades entre 18 e 65 anos, de ambos os sexos, sendo 57,2% mulheres. Os 81 itens do instrumento foram analisados por meio do modelo Rasch. Vinte e oito itens apresentaram funcionamento diferencial, sendo 15 condutas mais características de pessoas do sexo feminino e outras 13 mais características do sexo masculino. Os índices de precisão, alfa de Crombach, foram de

0,99 para os itens e 0,86 para as pessoas. Concluiu-se que a agressividade pode ser medida separadamente em razão do sexo.

Posteriormente, Sisto, Bartholomeu, Santos, Rueda e Suehiro (2008b) objetivaram analisar fatorialmente dois instrumentos para mensurar agressividade, com a participação de 445 estudantes universitários, de ambos os sexos, de cursos de Engenharia e Psicologia, com idades entre 18 e 65 anos. Para a construção dos instrumentos, foi utilizado o estudo relatado anteriormente, em que os itens sem DIF fizeram parte de ambas as escalas, acrescidos dos mais comuns aos homens, no caso da escala masculina (59 itens) e dos mais comuns às mulheres, no caso da escala feminina (66 itens). O estudo fatorial foi realizado separadamente por sexo, por meio de análise por componentes principais, com rotação Varimax. Na escala feminina foram encontrados três fatores, F1. Irritabilidade, F2. Condutas Manipuladoras e F3. Condutas Antissociais e na masculina quatro fatores, sendo F1. Condutas Anti-sociais e F2. Irresponsabilidade, F3. Condutas Manipuladoras e F4. Inescrupulosidade. Os índices de consistência interna foram considerados dentro dos parâmetros usuais e aceitos, indicando que as escalas apresentaram características psicométricas básicas para uso em pesquisa.

À partir dos estudos citados pode-se contar com um instrumento de medida do construto agressividade voltado para a população de jovens e adultos, a Escala para a Avaliação de Tendência à Agressividade – EATA, publicada e aprovada pelo Conselho Federal de Psicologia em 2012. Até esta data só era possível estudar o construto por meio de Instrumentos traduzidos e adaptados, como o estudo de Gouveia, Chaves, Peregrino, Branco e Gonçalves (2008), que objetivou adaptar para o contexto brasileiro o Questionário de Agressão de Buss-Perry – BPAQ (Buss & Perry, 1992), reunindo evidências de sua validade de construto. Com a participação de 308 estudantes de João Pessoa, sendo 155

universitários e 153 do Ensino Médio, com idade média de 18,8 anos, e a maioria do sexo feminino (65,9%). Foram utilizados quatro instrumentos, sendo, Escala de Identificação Grupal, Questionário dos Valores Básicos, Questionário de Justificação da Violência e BPAQ (Buss & Perry, 1992). Este último foi elaborado originalmente em língua inglesa, compondo-se de 29 itens que, teoricamente, avaliam a agressão em quatro dimensões, a saber: agressão física, agressão verbal, raiva, e hostilidade. Os resultados demonstraram que, embora tenham emergido apenas dois fatores na Análise Fatorial Exploratória, uma Análise Fatorial Confirmatória corroborou a estrutura teórica desta medida, definida por quatro fatores de primeira ordem denominados raiva ( $\alpha = 0,71$ ), hostilidade ( $\alpha = 0,62$ ), agressão verbal ( $\alpha = 0,52$ ) e agressão física ( $\alpha = 0,65$ ), e um de segunda ordem nomeado como agressão ( $\alpha = 0,81$ ). As pontuações dos homens não diferiram daquelas das mulheres na maioria dos fatores de agressão, excetuando na sua dimensão afetiva, a raiva, em que estas apresentaram maiores pontuações.

Em um estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo, Oliveira, Chamon e Mauricio (2010) estudaram as representações sociais da violência, contando com 20 universitários das áreas exatas, humanas e biológicas, com média de idade de 21,6 anos. Utilizaram de vinte entrevistas semiestruturadas, que foram analisadas qualitativamente com auxílio do *software* Alceste. Os resultados apontaram duas classes de representação da violência: Perspectiva social e política e Perspectiva Familiar. O grupo que se voltou para a perspectiva familiar representou a agressividade como fruto do desequilíbrio da família e de sua baixa qualidade de vida, que se intensifica com os problemas sociais. Identificaram a violência como sendo gerada pela falta de amor, carinho, respeito, falta de estrutura psicológica e negligência.

Em uma revisão da literatura mundial sobre violência familiar e problemas de comportamento agressivo, Pesce (2009) mostrou que a violência conjugal é causa potencial de agressividade e transgressão em crianças. Encontrou ainda nos artigos estudados, que comportamentos agressivos em crianças tendem a manter-se ao longo do tempo e de forma cada vez mais acentuada, fato que aponta para estratégias de prevenção desses agravos a serem desenvolvidas nos contextos escolar, familiar e da saúde.

No mesmo sentido do estudo citado, Vilhena e Maia (2002) afirmam que a tendência antissocial e a agressividade podem tomar vários caminhos, dependendo do papel que desempenha a família. Esta deve ser o lugar de referência e suporte à agressividade do bebê e, no futuro, ao adolescente que infringe as leis sociais. Para as autoras a violência que se vê na sociedade de hoje está relacionada a uma “falha básica da família no que tange ao seu papel de contenedora dos impulsos agressivos”, podendo estes transformarem-se em destrutividade, violência e delinquência (p.38).

Ramires (2001), quanto aos fatores que favorecem o desenvolvimento da agressividade, coloca a influência familiar em primeiro plano. A família, em momentos de crise, pode atuar como sistema protetor, quando ajuda o jovem a lidar com situações problemas, ou como agente estressor, contribuindo para o surgimento de doenças mentais em seus membros (Féres-Carneiro, 1992). A mesma autora (1997) reforça que a eficácia do suporte familiar varia de acordo com as especificidades de cada núcleo familiar, assim como a forma como cada membro percebe o suporte recebido. Neste sentido, Baptista (2005) enfatiza que o suporte familiar pode ser considerado um amortecedor dos efeitos dos estressores, sendo então de grande importância para a resiliência psicológica, competência social, autoconceito e baixa prevalência de transtornos ansiosos e de humor.

Quanto aos instrumentos relacionados ao construto suporte familiar, poucos têm como objetivo investigar a percepção dos próprios participantes quanto ao suporte familiar recebido, independente de idade (Baptista, 2005). Algumas iniciativas quanto a instrumentos relacionados ao suporte familiar devem ser citadas, como, Féres-Carneiro (1997) que desenvolveu uma Entrevista Familiar Estruturada (EFE); Pasquali e Araújo (1986) desenvolveram o Questionário de Percepção dos Pais (QPP); Lummerts e Biaggio (1987) também desenvolveram uma escala para medir o nível de satisfação do adolescente em sua família; Costa, Teixeira e Gomes (2000) traduziram e adaptaram a Escala de Responsividade e Exigência Parental, de Lamborn, Mounts, Steinberg, Dornbusch (1991); Gomide (2003) desenvolveu um Inventário de Estilos Parentais (IEP); e Benetti e Balbinotti (2003) desenvolveram uma escala nomeada de Inventário de Práticas Parentais.

Nesse contexto, Baptista (2005) desenvolveu o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) que avalia a percepção do indivíduo ante o suporte que recebe da sua família. Consta de 42 questões e possui três dimensões, 1) afetivo-consistente: com 21 itens e evidencia as relações afetivas positivas intra-familiares, desde o interesse pelo outro, até a expressão verbal e não verbal de carinho, clareza nos papéis e regras dos integrantes da família, bem como a habilidade nas estratégias de enfrentamento de situações-problema; 2) adaptação familiar: com um total de 13 itens que expressam sentimentos negativos em relação à família, como isolamento, exclusão, raiva, vergonha, relações agressivas de brigas e gritos, irritação, incompreensão e, ainda, percepção de relações de competição na família, interesse e culpabilidade entre os membros em situações de conflito; 3) autonomia familiar: composto por 8 itens, demonstra a percepção de autonomia que o indivíduo tem de sua família, o que denota relações de confiança, privacidade e liberdade entre os membros da

família. Já foram encontradas evidências de validade de construto e critério para o inventário, tais como os estudos de Rigotto (2006), Aquino (2007), Souza (2007) e Baptista, Santos, Alves e Souza (2008).

Ainda neste sentido, Souza, Baptista e Alves (2008) buscaram evidência de validade baseada na relação com outras variáveis entre o Inventário de Percepção de suporte Familiar (IPSF) e o Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG). Participaram do estudo 530 universitários com faixa etária de 17 a 54 anos. Foram utilizados o IPSF – Inventário de Percepção de Suporte Familiar e o QSG – Questionário de saúde Geral de Goldberg. Na maioria das dimensões os dois instrumentos correlacionaram-se negativa e significativamente, indicando que o instrumento em questão pode ser considerado adequado para avaliar a percepção de suporte familiar. Concluiu-se que quanto maior o suporte familiar percebido, menores manifestações de doença mental.

Souza, Baptista e Baptista (2010) objetivaram avaliar a relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco, de 766 estudantes universitários, com média de idade igual a 21,53 e desvio padrão de 2,38 anos. Foi utilizado o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF), o *Self Reporting Questionnaire* (SRQ-20) e um Questionário de Identificação dos Comportamentos dos Estudantes (QICE). Foram encontradas correlações significativas entre os escores dos três instrumentos, o que demonstra que estas três variáveis estão inter-relacionados. Na análise de regressão, com modelo *stepwise*, encontrou-se que a saúde mental, os comportamentos de risco de violência contra si, violência sexual e poucas atividades de lazer predizem a variável dependente Suporte Familiar Total, sendo a saúde mental, aquela com maior preponderância.

O principal efeito do suporte social e familiar se dá quando a pessoa se sente amada, valorizada, reconhecida, acolhida, protegida e participante de uma rede de recursos e informações. O indivíduo percebendo esse suporte, encontra forças para enfrentar situações adversas, o que traz consequências positivas para seu bem estar, diminuição do estresse, aumento da autoestima e do bem estar psicológico e consequente melhora na qualidade de vida (Campos, 2004).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1998) a Qualidade de Vida (QV) é definida como a percepção do indivíduo de sua posição no contexto da cultura e sistema de valores nos quais a pessoa está inserida, em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (FAMED, 1998). Nessa perspectiva, o conceito pressupõe a avaliação subjetiva dos indivíduos acerca de diferentes componentes físicos, psicológicos, culturais, sociais e espirituais (WHOQOL, 1995). Qualidade de Vida poderá ser um conceito de importância e potencialmente transformador na forma como o jovem se torna importante em seu meio e no futuro adulto.

As pesquisas que investigam a qualidade de vida têm utilizado tanto indicadores objetivos quanto subjetivos, dirigidos às estimativas subjetivas das circunstâncias de vida, ou aos julgamentos de satisfação e das emoções (Gilman & Huebner, 2000). O documento da OMS (1998), sobre instrumentos de avaliação de QV foi construído valendo-se de quatro grandes dimensões, isto é, saúde física, aspectos psicológicos, sociabilidade e relações com o ambiente, além de avaliação global da qualidade de vida. Dentre essas dimensões, atualmente, pode-se afirmar que desemprego, exclusão social e, sobretudo, a violência e a agressividade, podem ter grande influência na qualidade de vida.

Entretanto, investigações que visam identificar a relação entre o estilo de vida e a qualidade de vida ainda são escassas. Além disso, a maioria dos estudos como os de

Martins, França e Kimura (1996), Santos (2006), Nogueira (2006) e Zortéa (2010) focalizam somente as pessoas que possuem doenças crônicas, e dessa forma, os aspectos relacionados à QV de pessoas saudáveis ainda são pouco estudados. Porém, sabe-se que Países desenvolvidos como os Estados Unidos e outros países investem em pesquisas que monitoram comportamentos de jovens, por entender que uma possível intervenção e mudança de determinadas condutas poderiam ter impacto positivo no quadro de saúde, nas relações sociais e familiares e na qualidade de vida da juventude e dos adultos.

Coutinho, Maciel e Araújo (2009) referem que bullying é o conjunto de atitudes agressivas, caracterizadas pela intencionalidade, repetição do ato e uso da relação desigual de poder. Enfatizam que este fenômeno coletivo incide por todo o tecido social, acarretando, sobretudo, implicações psicossociais às pessoas envolvidas neste tipo de violência, comprometendo a saúde e influenciando negativamente na qualidade de vida. Os autores desenvolveram uma pesquisa investigando a relação entre o indicativo de situações de violência no contexto escolar com a qualidade de vida dos adolescentes. Participaram 82 adolescentes, com idades entre 12 e 16 anos, e os instrumentos utilizados foram, um questionário bio-sócio-demográfico, a Escala de *Acoso Escolar Percibido* e o instrumento de avaliação da Qualidade de Vida (WHOQOL-bref). Concluíram que a violência na escola correlacionou-se negativa e significativamente com qualidade de vida demonstrando o caráter prejudicial da violência tipo bullying, que acarreta diversas implicações ao escopo social.

Os estudos sobre instrumentos psicológicos são de grande importância para que avaliações possam ser mais confiáveis e precisas em todos os contextos da atuação profissional do psicólogo. Assim, a investigação para que testes psicológicos sejam adequados para sua utilização, de forma a medirem aquilo a que se propõe medir, que

apresentem validade para sua interpretação, justifica estudos como este que objetiva buscar evidências de validade para a Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade - EATA, em Relação a Outras Variáveis, por meio do Inventário de Percepção do Suporte Familiar - IPSF e do Instrumento de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde - WHOQOL-Bref.

A primeira evidência de validade será investigada com o Inventário de Percepção de Suporte Familiar, que avalia a percepção que o indivíduo tem de seu suporte familiar; neste sentido aventa-se a hipótese de que os participantes que apresentarem melhor percepção de suporte familiar apresentem menos tendência à agressividade, ou seja, que a correlação entre os instrumentos seja negativa ou divergente, com exceção do fator II do IPSF que tem seus itens invertidos. A segunda evidência de validade será estudada com o teste de Qualidade de Vida- WHOQOL-Bref, procurando verificar se há correlação entre a tendência à agressividade e a qualidade de vida dos indivíduos, e espera-se da mesma forma, encontrar correlações divergentes, porém significativas, entre os dois construtos.

Importante informar que para este estudo foi utilizado como instrumento a escala resultante de estudo anterior, em que, por meio de análise Fatorial Exploratória e Confirmatória da EATA (Sisto, 2012), o instrumento original não se confirmou para a população estudada, sendo esta a mesma participante do presente estudo. Assim, para as análises do presente estudo será utilizada a Escala que será aqui nomeada EATA- Novo Estudo, composta por três fatores relacionados ao tipo de agressividade implicada nas ações, contendo como na original 3 fatores, porém, com estrutura diferente, sendo: Fator I “Agressividade Verbal e Hostilidade”, Fator II “Condutas Antissociais” e Fator III “Raiva e Agressão Física”.

## MÉTODO

### *Participantes*

Participaram deste estudo 480 estudantes universitários de uma Universidade no Sul de Minas Gerais, de oito cursos das áreas de Ciências Humanas (41,2%), Ciências Biológicas (41,2%) e Ciências Exatas (17,5%), sendo 32,5% do sexo masculino e 67,5% do sexo feminino. A faixa etária dos participantes variou entre 18 e 55 anos, com média de 26 anos e moda de 22 anos (DP= 6,31).

### *Instrumentos*

Os instrumentos utilizados foram: Ficha de Caracterização do participante, o EATA - Novo Estudo- Escala de Avaliação da Tendência a Agressividade, o IPSF -Inventário de Percepção do Suporte Familiar e o WHOQOL- Bref, escala abreviada de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde.

### *Ficha de Caracterização*

Foi criada pela pesquisadora uma Ficha de Caracterização dos participantes da pesquisa, contendo questões que abordam dados de identificação pessoal, profissional e social.

### *EATA - Escala para Avaliação de Tendência a Agressividade*

A Escala para Avaliação de Tendência a Agressividade engloba questões relacionadas a condutas agressivas, e as respostas dadas a cada item informam sobre a tendência de uma pessoa e sua maior ou menor possibilidade de manifestar agressividade.

A EATA original compõe-se de 40 itens, possui três dimensões e fornece uma quarta medida. A Subescala A, com 10 itens, tem como núcleo condutas que são comuns a ambos os sexos, a Subescala B, com 14 itens, possui como núcleo as condutas mais comuns ao sexo feminino e, por fim, a Subescala C, com 16 itens, engloba conteúdos que são mais comuns a pessoas do sexo masculino.

Em estudo anterior com a mesma população do presente estudo foram realizadas as Análises Confirmatória e Exploratória que resultaram em uma escala com 32 itens, sendo Fator I com 18 itens (alfa de Cronbach = 0,83), Fator II com 6 itens (alfa de Cronbach = 0,75) e Fator III com 7 itens (alfa de Cronbach = 0,63). Nas duas análises não se confirmou a estrutura original e para a amostra estudada se propôs uma nova configuração do instrumento, que então será utilizada nas análises do presente estudo e será referida como EATA- Novo Estudo.

Considerando o conteúdo dos itens, o Fator I “Agressividade Verbal e Hostilidade” agregou ideias de agressividade verbal na interação com outras pessoas, de comportamento hostil e dissimulado. No Fator II “Condutas Antissociais” os itens se relacionam especificamente a quebra de regras sociais e infrações. Já o Fator III “Raiva e Agressão Física” apresenta o perfil de pessoas mais temperamentais, raivosas, com condutas impulsivas.

#### *IPSF – Inventário de Percepção de Suporte Familiar*

O IPSF elaborado por Baptista (2005) e aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia, teve como base instrumentos nacionais e internacionais que mensuravam suporte familiar. A construção dos itens, foi realizada por meio de uma pesquisa com 100

estudantes universitários de Psicologia, utilizando de uma pergunta aberta, “Na sua opinião, o que é uma família ideal?”.

Posteriormente, realizou-se uma pesquisa com 1064 estudantes com idade entre 17 e 64 anos, de instituições particulares e públicas do Estado de São Paulo. O instrumento final IPSF, por Baptista (2007) constou de 42 afirmações sobre a compreensão a respeito da percepção sobre o suporte ou assistência familiar recebido, que ficaram divididas em três dimensões: Fator 1 – Afetivo-Consistente: Essa dimensão contém 21 itens e evidencia as relações afetivas positivas intra-familiares (Alfa de *Cronbach* de 0,91). Fator 2 – Adaptação Familiar: Com um total de 13 itens que expressam sentimentos negativos em relação à família (Alfa de *Cronbach* de 0,90). Fator 3 – Autonomia Familiar: Composto por 8 itens, demonstra a percepção de autonomia que o indivíduo tem de sua família (Alfa de *Cronbach* de 0,77).

O escore total pode chegar a 84 pontos, sendo que um escore de 0 a 53 é considerado um nível Baixo de percepção do suporte familiar, um escore de 54 a 63 é considerado nível Médio-Baixo, um escore 64 a 70 é considerado Médio-Alto e um escore de 71 a 84 é considerado nível Alto (Baptista et al., 2008).

#### *O WHOQOL – Bref (Organização Mundial da Saúde: Avaliação de Qualidade de Vida)*

A necessidade de instrumentos curtos que demandem pouco tempo para seu preenchimento, mas com características psicométricas satisfatórias, fez com que o Grupo de Qualidade de Vida da OMS desenvolvesse uma versão abreviada do *WHOQOL-100*, o *WHOQOL-Bref* (WHOQOL GROUP, 1998b). Para tanto foi estudada uma amostra de 250 pacientes, com média de idade de 43,06 (Dp = 15, 36), sendo que 125 (50%) eram pacientes ambulatoriais e 125 (50%) estavam internados.

A versão abreviada é composta pelas 26 questões que obtiveram os melhores desempenhos psicométricos e conceituais, extraídas da versão original e resguardando o caráter abrangente do Instrumento. Composto por 4 domínios, o Domínio 1 representa o *físico*, e descreve situações relacionadas com dor e desconforto, o Domínio 2 representa o desempenho *psicológico* e descreve sentimentos positivos, Domínio 3 representa *relações sociais* e descreve sobre relações pessoais, suporte social e atividade sexual, quanto ao Domínio 4, este representa o *meio ambiente* e descreve segurança física e proteção. O Domínio *geral* descreve como o indivíduo percebe sua qualidade de vida e sua saúde.

Este questionário apresenta evidências de validade e precisão. No que se refere a consistência interna o coeficiente Cronbach mostra valores satisfatórios tanto para as questões (0,91) quanto para os domínios (0,77).

### *Procedimentos*

Após a autorização dos responsáveis pela universidade para composição da amostra, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco em 22/9/11, protocolo CAAE: 0326.0.142.000-11. A seguir foram agendados com os professores e alunos, os dias e horários para aplicação dos instrumentos. A abordagem dos participantes da pesquisa foi feita em sala de aula, quando os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes responderam respectivamente à Ficha de Caracterização, a EATA, o IPSF e o WHOQOL-Bref. O tempo médio de aplicação foi de 25 minutos.

### *Análise de Dados*

A análise estatística foi realizada com base no programa *Statistical Package for Social Sciences for Windows*, SPSS, versão 20.0. Foi empregada a técnica estatística paramétrica para comparar distribuição dos dados e correlação entre as variáveis.

Inicialmente foi realizada a estatística descritiva da amostra, com dados como sexo, idade, estado civil, área de graduação, curso, estado civil dos pais, se moram com eles, religião, se trabalham e renda familiar. O próximo passo foi a busca de evidências de validade com base em outras variáveis, sendo estas os resultados obtidos pelo IPSF e pelo WHOQOL- Bref.

## **RESULTADOS**

Foram estimadas as associações das pontuações da EATA- Novo Estudo com o IPSF e WHOQOL-Bref, por coeficientes de correlação de Pearson, e os resultados serão apresentados respectivamente. A pontuação com escores altos no EATA indica maior agressividade, em contrapartida no IPSF quanto maior o escore melhor a percepção de suporte familiar, com exceção do fator Adaptação Familiar que tem sua pontuação invertida. Assim, como se esperava, as correlações entre esses dois instrumentos foram negativas, excetuando as correlações com o Fator Adaptação Familiar, como apresentadas na Tabela 1 e descritas a seguir.

Tabela 1.

Correlação entre fatores EATA - Novo Estudo e IPSF (N= 480).

		IPSF Afetivo Consistente	IPSF Adaptação Familiar	IPSF Autonomia	IPSF Total
EATA - Novo Estudo Fator I	<i>r</i>	-0,13**	0,30***	-0,10*	-0,04
Agressividade Verbal e Hostilidade	<i>p</i>	0,005	0,001	0,022	0,445
EATA - Novo Estudo Fator II	<i>r</i>	-0,13**	0,13**	-0,02	-0,08
Condutas Antissociais	<i>p</i>	0,004	0,005	0,751	0,083
EATA - Novo Estudo Fator III	<i>r</i>	-0,08	0,14**	0,08	-0,05
Raiva e Agressão Física	<i>p</i>	0,080	0,002	0,068	0,296
EATA - Novo Estudo Total	<i>r</i>	-0,15***	0,29***	-0,10*	-0,06
	<i>p</i>	0,001	0,001	0,033	0,216

\*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

\*\*. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\*\*\*. A correlação é significativa no nível 0,001 (2 extremidades).

A escala EATA - Novo Estudo total não apresentou correlação com significância estatística em relação ao IPSF total, porém correlacionou-se negativamente e com significância estatística com os Fatores Afetivo Consistente ( $r=-0,15$ ,  $p<0,001$ ) e Autonomia ( $r=-0,10$ ,  $p<0,03$ ) do IPSF; e positivamente com o Fator Adaptação Familiar ( $r=0,29$ ,  $p<0,001$ ). Quanto à relação entre os fatores foram encontradas correlações baixas, porém com significância estatística. As correlações estão sendo apresentadas considerando a interpretação de Duffy, Mclean e Monshipouri (2011).

O Fator I “Agressividade Verbal e Hostilidade” (EATA- Novo Estudo) apresentou correlação negativa e desprezível, porém com significância estatística com os fatores Afetivo Consistente ( $r=-0,13$ ,  $p<0,01$ ) e Autonomia ( $r=-0,10$ ,  $p<0,05$ ), e correlação positiva moderada com o Fator Adaptação Familiar ( $r=0,30$ ,  $p<0,001$ ). O Fator II “Condutas Antissociais” (EATA- Novo Estudo) apresentou correlação desprezível, porém

com significância estatística com o fator Afetivo Consistente ( $r = -0,13$ ;  $p < 0,01$ ) e positiva e moderada com o Fator Adaptação Familiar ( $r=0,30$ ;  $p<0,01$ ). O Fator III “Raiva e Agressão Física” (EATA- Novo Estudo) apresentou correlação desprezível porém com significância estatística com o Fator Adaptação Familiar ( $r=0,14$ ;  $p<0,01$ ).

As associações das pontuações do EATA - Novo Estudo com o Questionário de Qualidade de Vida da OMS – WHOQOL- Bref estão apresentados na Tabela 2 a seguir. Neste caso também vale lembrar que altos escores no EATA - Novo Estudo indicam maior tendência à agressividade, sendo que maior pontuação no WHOQOL-Bref indica boa qualidade de vida, assim se espera obter correlações negativas entre esses instrumentos, ou seja, o aumento em uma variável se relaciona com a diminuição na outra.

Tabela 2.

*Correlação entre fatores da EATA- Novo Estudo e do Whoqol- Bref (N= 480).*

		Whoqol Físico	Whoqol Psicológico	Whoqol Relações Sociais	Whoqol Meio Ambiente	Whoqol Auto Avaliação	Whoqol Bref Total
EATA- Fator I	<i>r</i>	-0,07	-0,08	-0,16***	-0,09	-0,12*	-0,13**
Agressividade Verbal e Host.	<i>p</i>	0,124	0,070	0,001	0,053	0,010	0,006
EATA- Fator II	<i>r</i>	-0,06	-0,03	-0,09*	-0,03	-0,04	-0,06
Condutas Antissociais	<i>p</i>	0,167	0,508	0,047	0,470	0,339	0,162
EATA- Fator III	<i>r</i>	-0,01	-0,05	-0,11*	-0,10*	-0,05	-0,09
Raiva e agressão física	<i>p</i>	0,774	0,244	0,022	0,030	0,237	0,052
	<i>r</i>	-0,07	-0,08	-0,16***	-0,09*	-0,11*	-0,13**
EATA Total	<i>p</i>	0,108	0,078	0,001	0,042	0,015	0,005

\*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

\*\*. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\*\*\*. A correlação é significativa no nível 0,001 (2 extremidades).

Ainda considerando a interpretação de coeficiente de correlação de Duffy, Mclean e Monshipouri (2011), quanto a relação entre a EATA - Novo Estudo e o WHOQOL-Bref, foram encontradas correlações negativas e descritas pelos autores como desprezíveis, porém com significância estatística. Demonstrando que quanto maior a tendência à agressividade pior a qualidade de vida, pois de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013) mesmo a correlação menor que 0,30 sendo fraca, ela pode ajudar a explicar o vínculo entre as variáveis.

A Agressividade Verbal e Hostilidade (Fator I – EATA- Novo Estudo) apresentou correlação negativa e desprezível, porém com significância estatística com os fatores Relações Sociais ( $r = -0,16, p < 0,001$ ), Autoavaliação ( $r = -0,12, p < 0,05$ ) e WHOQOL-Bref total ( $r = -0,13, p < 0,01$ ). Condutas Antissociais (Fator II – EATA- Novo Estudo) apresentou correlação desprezível, porém com significância estatística apenas com o fator Relações sociais ( $r = -0,09, p < 0,05$ ). Raiva e Agressão Física (Fator III – EATA- Novo Estudo) apresentou correlação desprezível porém com significância estatística com os Fatores Relação Social ( $r = -0,11, p < 0,05$ ) e Meio Ambiente ( $r = -0,10, p < 0,05$ ). A EATA - Novo Estudo Total não apresentou correlação estatisticamente significativa com os fatores Físico e Psicológico do WHOQOL-Bref, e apresentou correlação desprezível e com significância estatística com os Fatores Relação Social ( $r = -0,16, p < 0,001$ ), Meio Ambiente ( $r = 0,09, p < 0,05$ ), Auto avaliação ( $r = -0,11, p < 0,05$ ) e com o WHOQOL-Bref total ( $r = 0,13, p < 0,01$ ).

## **DISCUSSÃO**

O presente estudo investigou as relações existentes entre os construtos avaliados por três instrumentos, Tendência à Agressividade (EATA – Novo Estudo), Percepção de Suporte Familiar (IPSF) e Qualidade de Vida (WHOQOL-Bref), entre estudantes

universitários. A expectativa inicial era de que as correlações entre os instrumentos e, portanto, entre os construtos, se mostrassem em sua maioria negativa e significativa. Negativa em função de a EATA - Novo Estudo avaliar agressividade como comportamento negativo, e tanto o IPSF quanto o WHOQOL-Bref avaliarem aspectos positivos do comportamento, com exceção do Fator Adaptação familiar do IPSF que por ser invertido avalia comportamentos negativos relacionados ao suporte familiar.

Confirmando as expectativas iniciais, as correlações encontradas foram fracas ( $r = <0,10$ ), muito fracas ( $r = 0,10$  a  $0,25$ ) ou médias ( $r = 0,25$  a  $0,50$ ) de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013); baixas ( $r < 0,30$ ) e médias ( $r = 0,30$  a  $0,70$ ) segundo Spencer (1995); e de desprezível ( $<0,19$ ) a moderada ( $r = 0,30$  a  $0,39$ ) de acordo com Duffy, Mclean e Monshipouri (2011). Neste sentido, os mesmos autores referem que considerando que a psicometria trabalha com construtos psíquicos, correlações moderadas ou baixas podem ser valiosas para a psicologia, e que embora fracas podem ajudar a explicar o vínculo entre as variáveis. Gouveia et al. (2009) ainda afirmam que quanto maior for a amostra menor precisara ser o coeficiente de correlação para que seja estatisticamente significativo.

Os resultados encontrados na correlação entre Agressividade Verbal e Hostilidade (EATA - Novo Estudo) e as dimensões Afetivo Consistente, Autonomia Familiar e Adaptação do IPSF, estão de acordo com a literatura. Essas relações demonstram que quanto menor a percepção de relações afetivas positivas com a família, pouca liberdade e confiança entre os familiares, relações familiares agressivas e competitivas, com brigas e irritações e pouca habilidade para resolução de problemas, maior a tendência à agressividade na interação com outras pessoas, uso de agressividade para se impor e conseguir vantagens. Neste sentido a teoria da aprendizagem social (Bandura, et al. 2008) faz prognóstico de um aumento de respostas agressivas em decorrência do fornecimento de

modelos agressivos. Também no estudo de Oliveira et al. (2010), os universitários identificaram a violência como sendo gerada pela falta de amor, carinho, respeito, falta de estrutura psicológica e negligência da família.

Quanto às correlações encontradas entre Condutas Antissociais (EATA – Novo Estudo) e as dimensões Afetivo Consistente e Adaptação Familiar do IPSF, percebe-se que os comportamentos de quebra de regras sociais e infrações, estão relacionados a situações familiares como isolamento, exclusão, incompreensão, competitividade e culpabilidade entre os membros. Pela teoria da frustração-agressão (Dolard et al. 1939 citado por Rodrigues, 1970), o indivíduo frustrado pela incompreensão e não acolhimento familiar dirige sua agressividade para outros, culpabilizando-os pela sua insatisfação.

A correlação encontrada entre o Fator Raiva e Agressão Física (EATA - Novo Estudo) e o Fator Adaptação Familiar (IPSF), reafirma que quanto maior a tendência a condutas impulsivas e de raiva, e até mesmo agressões físicas, maior a percepção de incompreensão, exclusão, competitividade na família, e ainda de relações familiares agressivas, com brigas e gritos. Souza et al. (2010), neste sentido, relacionam o suporte familiar à saúde mental, comportamentos de risco e de violência contra si e violência sexual, referindo que algumas condutas podem trazer riscos para a própria pessoa e para a comunidade. Para Vilhena e Maia (2002) a violência que se vê na sociedade está relacionada a uma falha no papel da família em conter impulsos agressivos, sendo que estes podem se transformar em destrutividade, violência e delinquência. O estudo de Pesce (2009), também corrobora os resultados encontrados, ao revelar que “...a violência conjugal predomina nos estudos como tipo de maus tratos familiar com potencial para causar problemas de agressividade...” (p. 507).

A EATA - Novo Estudo total, se correlacionou com os três Fatores do IPSF, Afetivo Consistente, Adaptação Familiar, e Autonomia, indicando que uma maior tendência à agressividade está relacionada a percepções negativas no relacionamento familiar, como relações agressivas, falta de apoio, de afeto, de confiança e de liberdade entre os membros da família. As principais fontes de estilos de comportamento agressivo são a agressão modelada e reforçada pela família, segundo Bandura et al. (2008). Segundo Pesce (2009), pais que utilizam punição, seja verbal, psicológica ou física, estão mostrando que a agressão é uma forma apropriada de resolução de conflitos e de relacionamento entre homens e mulheres.

Coerentes com estes resultados estudos confirmam que a percepção negativa do suporte familiar está relacionada a situações que potencialmente podem levar ao comportamento agressivo, como por exemplo, o estresse psíquico (Souza et al., 2008). Campos (2004) refere que quando não há percepção do apoio recebido pela família o indivíduo não enfrenta as situações e problemas, há o aumento do estresse e diminuição do bem estar psicológico e da autoestima.

Neste sentido, Oliveira et al. (2010), sobre representação social da violência apontam duas perspectivas de representação do construto, perspectiva social e política e perspectiva familiar. Referem que pela perspectiva familiar os indivíduos representam a agressividade como fruto do desequilíbrio familiar e de sua baixa qualidade de vida, que se intensifica com problemas sociais.

Na literatura científica investigada para este estudo, não foram encontrados estudos que descrevessem as interações entre tendência à agressividade e qualidade de vida. O presente estudo mostrou que, ainda que significativa, a correlação entre esses dois construtos se mostrou nula ou desprezível. Como esperado, essa interação ocorreu em

direção negativa, o que revelou que, quanto mais tendência à agressividade, menor a possibilidade de se ter uma percepção positiva da qualidade de vida.

Nos resultados encontrados entre Agressividade Verbal e Hostilidade (EATA – Novo Estudo) e do WHOQOL-Bref, foi verificada correlação significativa com o domínio Relações Sociais, Autoavaliação e com o Geral. Este resultado revela que quanto maior a tendência à agressividade hostil e verbal na relação com outras pessoas e também a tendência em usar da agressividade para se impor e conseguir vantagens, pior é a percepção da qualidade de vida, das relações pessoais e do suporte social. O indivíduo não percebendo um bom suporte social, não encontrará forças para enfrentar situações adversas, acabando por recorrer à agressividade, promovendo conseqüentemente diminuição de sua qualidade de vida, segundo Campos (2004).

Condutas Antissociais (EATA – Novo Estudo) correlacionou-se com Relações Sociais (WHOQOL-Bref), indicando que quanto pior a percepção das relações sociais e do suporte social recebido mais tendências a comportamentos de quebra de regras e infrações. Neste contexto, segundo Coutinho et al. (2009), os jovens são passíveis de influências sociais importantes, o fenômeno da violência e agressividade emergem como uma situação à qual estes jovens estão expostos e com a qual devem criar representações para delinear suas ações sociais.

O Fator Raiva e Agressão Física (EATA – Novo Estudo) apresentou correlação com as dimensões Relações Sociais e Meio Ambiente (WHOQOL-Bref). Essa relação indica que pessoas com perfil temperamental, com condutas impulsivas e de raiva têm pior percepção de suas relações pessoais, sociais e familiares, revelando insatisfação com o apoio recebido dos amigos, com o lugar onde mora, quanto a seus recursos financeiros, e quanto a saúde. Coutinho et al. (2009) reporta que a violência é um problema social que

acarreta implicações para o convívio social, e na diminuição na qualidade de vida do indivíduo. Os mesmos autores ainda referem que a qualidade de vida depende de fatores intrínsecos e extrínsecos aos indivíduos e, nesse arcabouço, as condições sociais, dentre as quais se incluem os comportamentos agressivos, devem ser reconhecidas como relevantes, uma vez que são passíveis de influenciar a percepção dos indivíduos acerca da qualidade de vida.

Obteve-se correlação significativa entre a EATA – Novo Estudo Total e os domínios Relações Sociais, Meio Ambiente, Auto Avaliação e Total do WHOQOL-Bref, assim, a percepção negativa do suporte social, familiar, da saúde e da qualidade de vida para os participantes deste estudo prediz maior tendência à agressividade. Segundo Bandura (2008), o suporte social é um meio de influência fundamental no comportamento das pessoas, já que auxilia na determinação de quais comportamentos serão desenvolvidos ou ativados, mediante interações recíprocas entre o meio social e o indivíduo. O comportamento agressivo é reportado pela literatura científica como um problema social que acarreta implicações para a sociedade, dentre as quais a diminuição na qualidade de vida do indivíduo segundo Coutinho et al. (2009).

## **CONSIDERAÇÕES**

De acordo com o estudo realizado, objetivando buscar evidência de validade baseada na relação entre variáveis para a EATA- Novo Estudo foram encontradas correlações significativas entre os três instrumentos, indicando que os construtos tendência à agressividade, percepção do suporte familiar e qualidade de vida estão parcialmente relacionados, já que não se buscavam correlações médias ou tampouco altas, considerando

que são construtos diferentes. As evidências encontradas neste estudo corroboram estudos e teorias relacionadas ao comportamento agressivo.

Diante dos resultados encontrados pode-se concluir que a tendência à agressividade está associada à convivência social e em família sem expressões de afeto e carinho, que geram inseguranças e modelos agressivos. Neste contexto a qualidade de vida fica também comprometida quanto à insatisfação nas relações pessoais e sociais, podendo levar o indivíduo a condutas agressivas que comprometam sua saúde física e Psicológica.

Uma limitação no estudo destes construtos foi a escassez de estudos principalmente com relação à qualidade de vida de pessoas sem patologias. A população estudada também pode ser vista como limitante para o estudo por ser composta em sua maioria por jovens com potencial sócio econômico e cultural mais privilegiado que a população em geral. Por outro lado há a importância de se avaliar comportamentos em universitários, pois são jovens em formação e ainda há, pela via da escola, a possibilidade de prevenção de patologias e de comportamentos de risco.

Os dados do presente estudo levam a crer que a agressividade é um construto importante a ser investigado e que ainda se encontra inacabado em sua definição e mensuração. Ressalta-se que novas pesquisas devem ser realizadas buscando outras evidências de validade para a EATA e também para a EATA - Novo Estudo, com outras variáveis, com populações diferentes, diferentes culturas e diferentes contextos.

## **REFERÊNCIAS**

Aquino, R. R. (2007). *Inventário de Percepção de Suporte Familiar (PSF) e Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT): Evidência de Validade.*

Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade São Francisco, Itatiba, SP.

- Bandura A., Azzi, R. G. & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Baptista, M. N. (2005). Desenvolvimento do Inventário de Percepção de Suporte Familiar. *Psico-USF, 10*(1), 11-19.
- Baptista, M. N. (2007). Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): Estudo componencial em duas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão, 27*, 496-509.
- Baptista, M. N., Santos, T. M. M., Alves, G. A. S. & Souza, M. S. (2008). Correlação entre Percepção de Suporte Familiar e Traços de Personalidade em Universitários. *International Journal of Hispanic Psychology, 1*:167-183.
- Benetti, S. P. C. & Balbinotti M. A. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *Revista Psico-USF, 8*(2), p. 103-114, Jul./Dez.
- Buss, A. H., & Perry, M. P. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*, 452-459.
- Campos, E. P. (2004). Suporte social e família. In Mello Filho J. *Doença e família*. (pp. 141-161). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., Gomes, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 13*(3), pp.465-473
- Coutinho M. P. L., Maciel L. M. & Araújo L. S. (2009). Bullying e Qualidade de Vida no Contexto de Adolescentes Escolares. Anais do XV Encontro ABRAPSO. Maceió.
- Recuperado: 10 de outubro de 2014. Disponível:  
[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/506](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/506)

- Dodge, K. A., & Coie J. D. (1987). Social information processing factors in reactive and proactive aggression in children's peer groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 1146-1158.
- Duffy, S. P., McLean, S. L., & Monshipouri, M. (2011). *Pearson's r correlation*. Retrieved February 20.
- Féres-Carneiro, T. (1992). Família e Saúde Mental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(suplemento), 485-493.
- Féres-Carneiro, T. (1997). Entrevista familiar estruturada - EFE: um método de avaliação das relações familiares. *Temas em Psicologia*; 5(3) Ribeirão Preto dez.
- Ferreira, A. S. M. A. (2011). O Papel da Personalidade no Comportamento Agressivo: da Teoria à Avaliação [Dissertação de Mestrado] Faculdade de Psicologia Universidade de Lisboa [Http://Repositorio.Ul.Pt/Bitstream/10451/5099/1/Ulfpie039688\\_Tm.Pdf](http://Repositorio.Ul.Pt/Bitstream/10451/5099/1/Ulfpie039688_Tm.Pdf)
- Freud, S. (1930-1936/2010). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos:(1930-1936)*. Companhia das Letras.
- Gilman, R., & Huebner, E. S. (2000). Review of life satisfaction measures for adolescents. *Behav Change.*; 17:178-95.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In: A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Alínea.
- Lorenz, K. (1973). *A agressão: uma história natural do mal*. Santos: Martins Fontes.
- Lummerts, J. G. & Biaggio, A. M. B. (1987). Desenvolvimento de uma escala para medir o nível de satisfação do adolescente em sua família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, 124- 137.

- Martins, L. M., França, A. P. D. & Kimura, M. (1996). Qualidade de vida de pessoas com doença crônica. *Rev. latinoam. enferm*; Ribeirão Preto: 4(3):5-18, dez.
- Nogueira, K. T. (2006). Importância do estudo de qualidade de vida na asma: visão global de uma doença crônica. *Adolescência & Saúde*. Vol. 3(1) - Jan/Fev/Mar
- Oliveira, A. L., Chamon, E. M. O. Q., & Mauricio, A. G. C. (2010). Representação social da violência: estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo. *Educar em Revista*, (36), 261-274. Recuperado: 19 de outubro de 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php>
- Organização Mundial de Saúde (1998). Versão em português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL). Recuperado: março de 2011. Disponível: <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol.html>
- Pasquali, L. & Araújo, J. M. A. (1986). Questionário de percepção dos pais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2, 56-72.
- Pesce R., (2009). Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. *Ciencia e Saúde Coletiva*, 14(2) 507-518
- Piko, B. (2001). Gender differences and similarities in adolescents' ways of coping. *Psychological Record*, 51(2), 223-235.
- Ramires, F. C. (2001). *Conduitas agressivas na idade escolar*. Amadora: McGraw Hill.
- Ribeiro, M. & Sani, A. (2009). Modelos explicativos da agressão: revisão teórica. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. pp. 96-104.

- Rigotto, D. M. (2006). *Evidências de validade entre suporte familiar, suporte social e autoconceito*. (Dissertação de Mestrado não-publicada), Universidade São Francisco, Itatiba, SP.
- Rodrigues, A. (1970) Algumas Considerações Teóricas Acerca da Resposta a Situações Interpessoais Frustradoras. *Arquivos brasileiros de psicologia Aplicada*, 22(1).
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, M. P. B., (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5 ed. Porto Alegre: Penso Editora.
- Santos, V. S. (2006). Qualidade de vida em crianças e adolescentes com problemas de saúde: Conceptualização, medida e intervenção. *Psicologia, Saúde e Doenças*. Lisboa, Portugal, 7(1).
- Sisto, F. F. (2005). Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. *Psicologia em Estudo*. 10(1). Maringá.
- Sisto, F. F. (2012). *Manual da Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sisto, F. F.; Bartholomeu, D.; Rueda, F. J. M. & Granado, J. I. (2005). Condutas agressivas e gênero: uma questão de estilo de agressividade. In: Joly, M. C. R. A.; Santos, A. A. A.; Sisto, F. F. (Orgs.). *Questões do Cotidiano Universitário*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sisto, F. F.; Bartholomeu, D.; Santos, A. A. A.; Rueda, F. J. M. & Suehiro, A. C. B. (2008a). Funcionamento Diferencial de Itens para Avaliar a Agressividade de Universitários. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. 21(3), pp. 474-481.

- Sisto, F. F., Bartholomeu, D., Santos, A. A. A., Rueda, F. J. M. & Suehiro, A. C. B. (2008b). Estudo preliminar para a construção de uma escala de agressividade para universitários. *Aletheia* 28, p.77-90, jul./dez. Recuperado em 09 de novembro de 2013, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942008000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200007&lng=pt&tlng=pt)
- Souza, M. S. (2007). *Suporte familiar e saúde mental: Evidência de validade baseada na relação entre variáveis*. (Dissertação de Mestrado não-publicada), Universidade São Francisco, Itatiba, SP.
- Souza, M. S., Baptista, M. N. & Alves G. A. S. (2008). Suporte Familiar e Saúde Mental: evidência de validade baseada na relação entre variáveis. *Aletheia*, 28, p.45-59.
- Souza, M. S., Baptista S. D. & Baptista M. N. (2010). Relação entre Suporte Familiar, Saúde Mental e Comportamentos de Risco em Estudantes Universitários. *Acta Colombiana de Psicología* 13 (1): 143-154.
- Vilhena, J. & Maia, M. V. C. M. (2002) Agressividade e violência. Reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea. In: *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, UNIFOR, Fortaleza, II (2), pp. 27-58.
- Zortéa, K. (2010). Qualidade de vida em doenças crônicas. *Arq. Bras. Cardiol.* [online], vol.94, n.5, pp. 703-703.
- WHOQOL Group. (1995) The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): position paper from the world health organization. *Social and Science Medicine*; 41(10): 140

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo primeiro da presente tese foi a busca de evidências de validade para a Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade - EATA, principalmente por não haver dentre os instrumentos aprovados para o uso dos psicólogos no Brasil, outro instrumento medindo este construto em jovens e adultos. Para tanto pensou-se como ponto de partida, numa revisão de literatura sobre os conceitos da agressividade. Assim, no primeiro artigo foram expostos diferentes modelos explicativos do comportamento agressivo. Tais modelos apontam para uma interação de fatores ambientais e pessoais, entre os quais a personalidade, como potencialmente responsável pela ocorrência de comportamentos agressivos. Conclui-se que diferentes tipos de agressões tendem a ocorrer conjuntamente, o que leva à suposição de que tratam de dimensões contínuas que coexistem em diferentes graus e diferem para cada pessoa.

No segundo artigo, focando a busca de evidências de validade para a EATA, foram realizadas, a Análise Fatorial Confirmatória e a Análise Fatorial Exploratória, sendo que nas duas análises não se confirmou a estrutura original da EATA. Assim, para a amostra estudada se propôs uma nova configuração do instrumento, não mais com fatores relacionados ao sexo e sim pelo tipo de tendência à agressividade referida pelos participantes. Confirmando o que foi descrito no primeiro artigo, quanto ao fato de diferentes tipos de agressão coexistirem em diferentes graus para cada pessoa.

No terceiro artigo continuou-se a investigação acerca das propriedades psicométricas para a nova estrutura da EATA, com vistas à busca de evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis, sendo o Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF e o WHOQOL-Bref, questionário de avaliação de Qualidade de Vida da

Organização Mundial da Saúde OMS. Confirmou-se a hipótese de que uma maior tendência à agressividade está relacionada a uma percepção negativa do suporte familiar e também a uma percepção ruim da qualidade de vida.

Pesquisas apontam que o ingresso em cursos superiores pode trazer dificuldades de interação e de ajustamento às novas demandas, trazendo risco para a saúde mental do estudante. Nesse sentido, o estudo com universitários tem sua importância pelo fato de que a escola tem a oportunidade e o compromisso de compreender o que efetivamente se passa em cada momento de emergência desses comportamentos e, com isso, manejá-los de forma a contribuir pra a saúde mental de quem ainda está em formação.

Como conclusão pode-se afirmar que a estrutura original da EATA não se confirmou para os 480 participantes da presente pesquisa, porém, o instrumento com uma nova estrutura sustentou a medida do construto em questão, tendência à agressividade. Além de que, foram encontradas evidências de validade parciais para a EATA- Novo Estudo quando correlacionada ao IPSF e ao WHOQOL-Bref.

Os dados do presente estudo levam a crer que a agressividade é um construto importante a ser investigado e que ainda se encontra inacabado em sua definição e mensuração. Acredita-se que este estudo pôde fornecer elementos para o debate sobre a avaliação da agressividade. Ressalta-se então, a importância da continuidade dos estudos aqui apresentados, visando mais investigações quanto à EATA original e também à EATA- Novo Estudo, buscando outras evidências de validade, com outras variáveis, com populações diferentes, diferentes culturas e diferentes contextos.

**ANEXO 1.****TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (1ª via)****EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA A ESCALA DE AVALIAÇÃO DA TENDÊNCIA À AGRESSIVIDADE – EATA**

Eu,....., RG....., abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para

participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade dos pesquisadores Maria Inês Bustamante e Professor Dr. Cláudio Garcia Capitão, do Curso de Doutorado da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1 - O objetivo da pesquisa é buscar evidências de validade para a Escala de Avaliação da Tendência a Agressividade por meio do Inventário de Percepção do Suporte Familiar e do Instrumento de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde - WHOQOL-Bref.

2- Durante o estudo serão utilizados três instrumentos, sendo, a EATA - Escala de Avaliação da Tendência a Agressividade, o IPSF - Inventário de Percepção do Suporte Familiar e o WHOQOL- Bref, escala abreviada de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde e uma ficha de caracterização. A aplicação dos instrumentos foi agendada previamente com os professores e será realizada em sala de aula, com duração média de 40 minutos. Esse procedimento será realizado em diversas turmas de cursos nas áreas de saúde, humanas e exatas.

3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;

4- A resposta a estes instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem desconforto emocional;

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;

6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981;

8 - Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Maria Inês Bustamante sempre que julgar necessário pelo telefone (35) 34492154;

9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_  
Local data

**Assinatura do participante**

.....

**ANEXO 2.****- FICHA DE CARACTERIZAÇÃO**

Data da aplicação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

- 01) Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino
- 02) Data nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_
- 03) Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Separado ( ) Divorciado ( ) Viúvo
- 04) Tem Filhos? ( ) Não ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ou mais
- 05) Mora com o(s) filho(s)? ( ) Sim ( ) Não
- 06) Cursando graduação na área de : ( ) Saúde ( ) Humanas ( ) Exatas
- 07) Curso: \_\_\_\_\_
- 08) Os pais são: ( ) Solteiros ( ) Casados ( ) Separados ( ) Divorciados  
( ) Mãe Falecida ( ) Pai Falecido
- 09) Reside com os pais? ( ) Sim ( ) Não
- 10) Número de Irmãos: ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ou mais
- 11) Religião: ( ) católico ( ) evangélico ( ) espírita ( ) outras
- 12) Trabalha? ( ) Sim ( ) Não

**ANEXO 3.**

Pouso Alegre, 20 de Agosto de 2011

Ilmo. Prof. Dr. Felix Ocaris Bazano  
Reitor da UNIVÁS

Ref.: Autorização para coleta de dados de pesquisa.

Venho pedir sua autorização para coleta de dados da pesquisa **“Evidências de Validade para a Escala para Avaliação da Tendência à Agressividade - EATA”**, do curso de pós-graduação stricto sensu – Doutorado, da Universidade São Francisco, sob a responsabilidade dos pesquisadores, Maria Inês Bustamante e Prof. Dr. Cláudio Garcia Capitão. Esta pesquisa tem como objetivo buscar evidências de validade para o EATA - Escala de Avaliação da Tendência a Agressividade, por meio do IPSF Inventário de Percepção de Suporte familiar e do WHOQOL-bref – Instrumento de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde. Os participantes serão estudantes da UNIVÁS, regularmente matriculados em cursos das áreas de saúde, humanas e exatas. A coleta de dados deverá acontecer em sala de aula em dias e horários agendados com os coordenadores dos cursos e professores. Os instrumentos da pesquisa são três questionários e uma ficha de caracterização, e os alunos levarão em média 50 minutos para respondê-los. Para quaisquer outros esclarecimentos sobre a pesquisa, coloco-me a seu inteiro dispor.

Grata,

---

Maria Inês Bustamante

**ANEXO 4.**

Pouso Alegre, 20 de Agosto de 2011

Ref.: Pedido de autorização para coleta de dados de pesquisa.

Autorizo a coleta de dados da pesquisa “**Evidências de Validade para a Escala para Avaliação da Tendência à Agressividade - EATA**”, sob responsabilidade dos pesquisadores, Maria Inês Bustamante e Prof. Dr. Cláudio Garcia Capitão, guardando o cuidado de agendamento de datas e horários com os coordenadores dos cursos de graduação.

---

Prof. Dr.Félix Ocáris Bazano  
Reitor da Universidade do Vale do Sapucaí

## ANEXO 5.



UNIVERSIDADE  
SÃO FRANCISCO

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Bragança Paulista, 22 de Agosto de 2011

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

**Projeto de Pesquisa:** Evidências de Validade para a Escala de Avaliação da Tendência à Agressividade – EATA.

**Curso:** Psicologia

**Grupo:** III

**Autor (es):** Prof. Claudio Garcia Capitão; Maria Inês Bustamante de Carvalho

**Instituição:** Universidade São Francisco

**Protocolo CAAE:** 0326.0.142.000-11

Prezado (a) (s) Pesquisador (a) (s),

O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade São Francisco, analisou em reunião extraordinária dia **22/09/2011** o projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade de Vossa Senhoria.

Este Comitê, acatando o parecer do relator indicado, apresenta-lhe o seguinte resultado:

**Parecer:** APROVADO

Atenciosamente,

*Marcelo Lima Ribeiro*

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa - USF  
Universidade São Francisco

*Qualquer alteração no protocolo de pesquisa, deve ser comunicado e enviado ao CEP\_USF.*

*Ao término do desenvolvimento do estudo o (a) pesquisador (a) responsável deverá enviar ao CEP-USF o relatório consolidado de conclusão do mesmo.*

CÂMPUS DE BRAGANÇA PAULISTA	Av. São Francisco de Assis, 218 - CEP 12916-900 Fone (11) 4034-8000 - FAX (11) 4034-1825
CÂMPUS DE CAMPINAS	Rua Waldemar César da Silveira, 105 - Cura D'Ars CEP 13045-270 (19) 3779-3300
CÂMPUS DE ITATIBA	Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 - CEP 13251-900 Fone (11) 4534-8000 - FAX (11) 4524-1933
CÂMPUS DO PARI - SÃO PAULO	Rua Hannemann, 352 - Pari - CEP 03031-040 Fone (11) 3315-2000 - FAX (11) 3315-2036

## ANEXO 6

## WHOQOL-Bref

INSTRUÇÕES						
<p>Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. <b>Por favor responda a todas as questões.</b> Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha.</p> <p>Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as <b>duas últimas semanas</b>. Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:</p>						
		nada	Muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?		1	2	3	4	5
<p><b>Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas. Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" apoio como abaixo.</b></p>						
		nada	Muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?		1	2	3	4	5
<p><b>Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe parece a melhor resposta.</b></p>						
		muito ruim	Ruim	nem ruim / nem boa	boa	muito boa
1	Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5
		muito insatisfeito	Insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
2	Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5
<p><b>As questões seguintes são sobre o quanto você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.</b></p>						
		nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5

6	Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5

**As questões seguintes perguntam sobre quão completamente você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.**

		nada	muito pouco	médio	muito	completamente
10	Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13	Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

**As questões seguintes perguntam sobre quão bem ou satisfeito você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.**

		muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5
		muito insatisfeito	Insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	Muito satisfeito
16	Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19	Quão satisfeito(a) você está consigo	1	2	3	4	5

	mesmo?					
20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seu amigos?	1	2	3	4	5
23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito(a) você está como seu meio de transporte?	1	2	3	4	5
<b>As questões seguintes referem-se a com que frequência você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.</b>						
		nunca	Algumas vezes	frequentemente	muito frequentemente	sempre
26	Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

**OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO**